

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 153



Aventuras extraordinarias dum policia secreta

OS HOMENS FATAES



EDITOR E PROPRIETÁRIO, F. A. MIRANDA E SOUSA
COMREIMPRESSORA, EMP. LUSITANA EDITORA
C. do FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. do FERREGIAL, 23, LISBOA

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200
REIS

==CADA VOLUME CONTEM==
==14:00 LINHAS==
==DE LEITURA EMPOLGANTE==

Volumes publicados:

O homem das multidões, de *Pierre Zaccaria*.
O casamento d'um forçado, de *A. Bouvier*.
A aposta maldita, por *Jules de Gastoy*.
Os Fugas d'Oiro, por *Paulo Fien*.
As filhas do povo, por *Alexis Daut*.
O filho dos brancos, por *Ritter Hagert*.
Dividida fatal, por *Marcello Prissot*.
O segredo d' desconhecida, por *J. Gastyna*.
Fausto, por *Rosal Virasol*.

Estes romances, seleccionados com escriptu-
losa attenção, compoirão uma verdadeira biblio-
teca popular de educação.

200

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

REIS • um bom romance completo

Colleccção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais
sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsélio Lupin, catão da alta roda, por *Maurice Le Maistre (Big.)*. 2. O Homem Mystérieux, *Geor de Tournad*. 3. O tano de gelo, *Pierre Giffard*. 4. Arsélio Lupin contra Herlock Sholmes, *Maurice Le Maistre*. 5. Um crito na treva, *Gilchrist*. 6. O Prisioneiro de Warle, *G. Le Rouge*. 7. O Club dos Ladões, *Benny A. Herin*. 8. A Azalia éca, (Novas aventuras de Arsélio Lupin) *M. Leblanc*. 9. O Homem sem rosto, *Paul d'Ivoi*. 10. A Virgem Vermelha, *Pierre Giffard*. 11. O Canhão do somno, *Paul d'Ivoi*. 12. Qual dos tres grande romance policial, *A. G. Green*. 13. A Guerra dos vampiros, *G. Le Rouge*. 14. O Pirata de Ferro, *Max Pemberton*. 15. As tres ruanas, *sensacional romance de aventuras* *Paul d'Ivoi*. 16. Roma, a mysteriosa, por *Ch. Foley*. 17. SIB. (Novas aventuras de Arsélio Lupin) por *M. Leblanc*. 18. Em Férias, por *Henri de Regnier*. 19. O Palácio subterraneo, por *Max Pemberton*. 20. Um crime tenebroso, por *A. Galdos*. 21. A mulher mysteriosa, por *Georges Hume*. 22. O Sonho, por *E. Zola*. 23. Os dez olhos d'ouro, por *P. d'Ivoi*. 24. Um galão de casaca, por *E. W. Hornung*.

350rs. Cada vol. 14-4", cartado a maleria de um
c c c c grosso vel. 14-8", de 300 c c c rs. 350

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA DE PORTUGAL Rs. 60

A mas notavel e sensacional
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magno tipo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA DE PORTUGAL
Desde os tempos primitivos até a actualidade

Volumes publicados:

- | | |
|--|-----------------------|
| 1 Vitoria, o heroe luto | 11 Tomada d'Aleixir |
| 2 Roma na Lusitania | 12inha D. Mécia |
| 3 Os barberos do Norte | 13 Holonhaz |
| 4 A Invasão dos Arabes | 14 rei troador |
| 5 Fundação de Portugal | 15 aicha Santa Isabel |
| 6 O cerco de Guimarães | 16 Batalha do Salado |
| 7 Ecos Moniz | 17 oia de Castro |
| 8 Conquista de Lisboa | 18 Vaqueiros da Real |
| 9 Giraldo Sempavir | 19 A Rainha Adelaide |
| 10 Lu. Fuz Roubinho (Milagre da Vazarch) | 20 Ma a Teller |
| | 21 Meira d'Aviz |

A seguir:

- | | |
|---------------------------|-----------------------------------|
| 22 Passora d'Algarrota | Inglaterra |
| 23 O Barbado | 25 Os Triplicios (Tomada de Genta |
| 24 O Magico ou os Dore de | |

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até a actualidade

Acham-se publicados os quatro volumes

- | | |
|--|-----|
| I Obscenidades primitivas - A Prostituição na As-
tiga Grecia | 300 |
| Impudencias de Roma Primitiva - Herasido
dos Romanos | 331 |
| III Desmoralização Francesa - Tempos modernos | 300 |
| IV (o ultimo volume) Tempos modernos | 300 |

Numero 153

Lisboa, 23 de maio de 1912

IV Anno

OS HOMENS FATAES

CAPITULO I

Um acontecimento inesperado

—Então, marquez, está tudo prompto? Lembre-se
que tenho de estar amanhã, ás dez horas precisas da
noite em Calais, se não for assassinado pelos meus
inimigos ou não perder a liberdade.

O homem, alto e musculoso com quem o celebre
criminalista Sherlock Holmes estava conversando no
seu quarto do hotel, era o marquez Raul de Tanville.
Alguns annos antes o famoso policia conseguira des-
cobrir uma conspiração contra a vida do joven fidal-
go normando, por causa de uma importante herança,
podendo livrar-se, a tempo, de um imminente perigo.

—Ha de ser sublime! Ratou enthusiasmo! A's
dez horas precisas! pois sim. E quando o senhor es-
tiver em perigo, corro a buscal-o para o meu auto.
Vamos. Tudo está a postos, e apenas puxar o pé no
meu garf, mandarei largar para a Irlanda, Norue-
ga, Cabo Norte, etc. Tanto me faz como diafia. Até
à vista.

O marquez estava verdadeiramente satisfeito ao
despedir-se.

Sherlock Holmes tambem se sentia bem disposto
ante este projecto de viagem.

Ficando só mandou trazer o chá e acendeu o seu
inseparravel cachimbo, começando a ler a correspon-
dencia.

Subitamente, bateram á porta.

—Entre, disse Holmes voltando se para a porta,
e mostrando se um pouco admirado ao ver a inespera-
da visita.

Era o sr. Andreux, chefe da policia de seguran-
ça de Paris.

—Tra, graças a Deus, que o encontro em casa,
sr. Holmes! Não quiz fallar-lhe pelo telephone, mas
sim pessoalmente. Resolvi pois metter-me no automovel,
e aqui me tem. Foi, realmente, um grande invento, e
autonvell.

—Ha então alguma coisa de importancia? pergun-
to Sherlock Holmes com a maior tranquillidade con-
tinuando a saborear a aromaticas e alorada bebida.
Quer tomar uma chavena de chá?

—Preferiria qualquer outra coisa mais excitante,
respondeu Andreux.

—Um copo de Madeira, Porto, cognac? inquiriu
Sherlock Holmes.

—Sim, cognac, porque a historia que aqui me
traz, parece que me caiu no estomago.

Sherlock Holmes premiu o botão da campainha
electrica, e um creado appareceu.

ACD

823.97

0598.59

P43

v. 6

no. 153

—Traga uma garrafa do melhor cognac e copos, disse.

O creado desapareceu, voltando em seguida com o que lhe fôra pedido.

Andrieux bebeu um copo de cognac com visível satisfação, e abanando a cabeça, olhou com ar aborrecido para o teto da casa.

Depois, levantou-se, e abrindo os braços interrogou em voz um tanto aflita:

—Mas, homem de Deus! Não me pergunta o motivo da minha visita? Parece uma espiúnga, nada o perturba, nada lhe desperta a curiosidade! Todavia, é um caso extraordinário, talvez unico.

—Então, então! meu caro, atalhou Holmes sorrindo, não haverá n'isto algum exagero? Tranquilise-se e ponha tudo em pratos limpos. Tudo eu sou ouvidos. Mas se julga que me encarregarei de qualquer caso, em que os seus subordinados já tinham intervido, pode perder-lhe a esperança. Tenho de partir infelizmente para o Norte, e convém-me estar lá n'esta occasião. Amanhã sairei d'aqui.

O chefe da policia franziu o sobrolho, e coçou atraz da orelha, deixando-se cair no fauteuil profundamente contristado.

Depois disse com um certo vislumbre de recentimento:

—Essas palavras não lhe ficam bem, sr. Holmes. Formava de si outra opinião. Vinha confiante que me auxiliaria n'este caso enigmatico, que lhe traria mais um filão para a sua corôa de gloria, e os agradecimentos que me dá, é dizer me redondamente — não pode ser, arrange-se como puder!

Sherlock Holmes conti-nuava a beber o chá, e encolhia os hombros, sorrindo.

—Mas, em lugar de estar a perder tempo com tantas palavras, porque é que não me diz o objecto da sua visita, pormenorizando esse caso tão estropeado?

—Essas palavras, ditas com a maior placidez tiveram o poder de abrandar a grande excitação do inspector.

—E' verdade, disse, um pouco mais tranquillo, não veja nas minhas palavras a menor ideia offensiva. Mas não calcula quanto estou aborrecido, e a sua recusa fez-me perder a linha, e a consideração a que tem direito. Escute pois, e vá ao fim verdadeiramente admirado.

—Ha oito dias desapareceu mysteriosamente o ministro da policia de S. Petersburgo. O czar está inconsovel...

—Mas, Andrieux, que tenho eu com isso? Não tenho eu bastante que fazer? Para que havemos de in-trometer-nos a que se passa na Russia? O senhor conhece a antipathia dos inglezes pela policia russa.

E de mais a mais em S. Petersburgo! Deixe a policia russa a contas com o caso.

—Isso é bom de dizer, meu caro. Elles não encontram o menor vestigio, o mais pequeno indício! O czar está desesperado, porque o ministro Howanof era a unica pessoa que possuia toda a sua confiança. Tome, leia este telegramma que recebi ha pouco do Courcellos, nosso ministro em S. Petersburgo. Tira um papel do bolso, e entregou-o ao genral policia.

Este leu:

«Sr. Andrieux, chefe de segurança. Paris.

«Desappareceu d'aqui, ha oito dias o ministro da policia Howanof. Mande sem demora os seus mais experimentados agentes. O czar conta que a policia franceza conseguirá deventrar o mysterio. Faça com que parts já Dralino Arricht, para socorro do imperador.»

«Courcelles»

Sherlock Holmes abanou a cabeça com ar pensativo.

—Se o senhor não recebeu directamente do seu ministro este telegramma, penso que não foi elle que lho mandou.

—Naturalmente, foi expedido da S. Petersburgo!

—E não vinha em cifra?

—Pode ver, pois tem o original na mão.

—Sim, estou vendo, disse Holmes desenhosamente, contudo é difficil adivinhar n'esta correspondencia do seu primeiro diplomata em S. Petersburgo.

—Porquê, pergunteu o inspector, abrindo muito os olhos.

—Colloque a corôa acima de tudo, inspector! Não me parece que o seu embaiador seja tão estúpido, para que o senhor attribua tanta importância a esse caso. O senhor recebeu esse telegramma da Russia, e pouco depois partiu como louco, — foram as suas palavras — em minha procura! Permitta-me que lhe diga que não é para admirar que se deem acontecimentos mirabolantes, quando o inspector da policia commette erros imperdoaveis!

O inspector caiu das nuvens ao ouvir estas palavras, e a responder Mas Sherlock Holmes proseguiu:

—Reflicta, Andrieux, e apreciemos lato serenamente. Este telegramma parece obra dos terroristas. Levam o seu arrojio a não se introduzirem muito proximo do imperador. Não se profere palavra alguma que elles não ouçam. O seu embaiador em conferencia com o czar, naturalmente, elogiou-lhe a habilidade da policia franceza. Telegraphou sem usar de todas as cautellas ao chefe da policia de segurança de Paris.

Isso soube-se nas ante-camaras. Os grupos de Paris já receberam ha muito tempo o telegramma, que o avisava, a si, Andrieux, e agora os patifes estão fazendo o meu nome.

—C'os diabolos! Talvez tenha razão, meu amigo. Não reflecti n'isso!

—Pois é justamente por essa razão que o negocio não me parece tão difficil, e porque se conhece o perigo. Tinha que me haver com inimigos invisiveis, que me conhecem, e seria um verdadeiro milagre, se eu voltasse vivo da Russia, e mais ainda, se fosse bem sucedido!

—Bravo, bravo! senhor Holmes. Encara o caso com a sua admiravel perspicacia. Arrancou-me um enorme peso do coração.

Estendeu-lhe depois a mão com grande contentamento.

—Se ha alguém que possa deventrar o mysterio, é o senhor. Está pois decidido?

—Está bem, inspector, faço-lhe a vontade. Accedo pela unica razão de que este caso não prejudica a minha viagem. O Marquez de Tanville, meu amigo, combinou darme um passeio ao seu yacht e devemos marchar amanhã. Em lugar de demandar o Cabo Norte, dirigir-nos hemos a S. Petersburgo, e procurarei saber o paradeiro do ministro da policia.

—E' um excellente amigo, sr. Holmes. Agradeço-lhe do coração ter accedido aos meus desejos. Mas ha ainda uma outra coisa que não se deve desprezar. Estou certo que curtará o meu górdio, e que a sua audacia vencerá todas as difficuldades. O imperador ficará-lhe ha extremamente grato, e certamente receberá uma gratificação de quinhentos mil francos ou mais, e talvez a ordem de Vladimiro ou de Santo André.

—Nunca tenho em mira o dinheiro nem as honrarias, respondeu o genial criminalista, mas dirigir-me hei ao Senhor de todas as Russias para pedir-lhe uma coisa muito mais importante. Oxalá que eu tenha o direito de alcançar a liberdade para um prisioneiro que está innocente.

—Peço-lhe que escolha alguns dos seus mais habéis agentes que me acompanhem como espías, e aguarde a resposta em cifra do seu ministro.

O chefe da policia de segurança de Paris olhou muito espantado para o notavel policia. Depois disse: —Parei tudo o que desejei com toda a minha boa vontade.

E com um forte aperto de mão despediu-se de Sherlock Holmes desejando que fosse bem succedido na empresa a que se ia abalançar.

Ao ficar só, Sherlock Holmes cruzou os braços, e começou a passear pelo quarto. Depois chamou Harry informando-o do que se passara.

Sem outras explicações ordenou-lhe que se preparasse para uma proxima viagem por mar.

Na estação de Calais esperou pelo Marquez e pelo seu chauffeur. Subiram para o automovel, que os levou ao caes do porto, onde os esperava já de caldeiras accensas, e prompto para largar o bello yacht «Aiglon».

Ignã a pontão e puxada a ancora, a machina começou a accionar e o navio levantou ferro. Era um barco soberbo de elegante e solida construção e muito veloz. Afastou-se rapidamente da margem, chamada n'este ponto do canal «Pas a Calais».

—Então, amigo Holmes, para onde se quer dirigir? perguntou o Marquez, logo que passaram o canal.

—Se não se oppõe, sr. Marquez, desejava que tomassemos o rumo de Kronstadt para demandar S. Petersburgo.

O Marquez ficou perplexo.

—Com os demônios, meu amigo, o que tem que fazer em S. Petersburgo? Foi isso o que combinámos? Mas não importa. O principal é que estejamos juntos. Não desisto de o acompanhar na sua aventura.

Sherlock Holmes apresentou as suas melhores razões para dissuadir o amigo do seu proposito, pois não queria que elle arriscasse a vida.

—O Marquez não sabe o que pede. Olhe que o caso tem seus perigos! No entanto não posso prohibir-o, e, francamente não desdenharia o seu auxilio.

O rosto do Marquez illuminou-se, e gritou para o capitão em voz de commando:

—Rumo do cabo Sweijen! Para Nordeste!

CAPITULO II

Mostra-se o inimigo

Poucos dias após a travessia do canal da Mancha appareceram a vista o *fiord noruegueses*, com os seus rochedos abruptos e angustas difficil.

O «Aiglon» seguia na direcção do Oriente, e pairava junto da costa da Noruega. Estavam juntos das aguas perigosas do Skeger Reck.

Sherlock Holmes e o Marquez assustavam os seus olhos de longo alcance para o continente noruegues que se erguia para as nuvens em montanhas agrestes.

O capitão Serriur aproximou-se do Marquez, levando a mão em continência ao bonde agalado:

—Marquez perguntou:

—Então, Serriur, o que ha de novo?

—Ha pouco carvô a bordo, senhor Marquez. Se o permittir, demandaremos Christiansand, onde poderemos abastecer-nos de tudo.

— Santo Deus! exclamou o fidalgo nordeano, voltando-se para o grande policia. Numa pertença de embaixada da desgraça, amigo Holmes?

— O grande criminalista encolheu os hombros.

— Amigo Tanville, permita que lhe peça que mande seguir para Nordeste. Ser-me-hia agradável ver-me lá.

— Nesse caso, se não ha inconveniente, tome esse ramo, capitão. De resto, já conheço Christiansand. E' um porto seguro.

— Iremos provavelmente a terra, e divertir-nos-hemos com os capitães e marinheiros! Largo, Serrurier. Faz o que puderes. Rumo de Christiansand.

— Muito bem, respondeu alegremente o capitão, e correu para o leme.

O grande criminalista limpou a lente do ocular e meteu-o na caixa.

Fez um signal ao marquez e a Harry que estava junto ao topo do mastro, e que logo desceu. O mancobo escorregava pelas cordas como um trenó deslizando pelos montes de gelo.

— Conduza-se aqui, disse, porque desejo reunir um pequeno conselho, além da apreciação um projecto que elaborei durante todo o dia.

Encheu de tabaco o tradicional cachimbo e accendesse-o.

— Meus amigos, disse com a maior placidez, convem que estejamos preparados para tudo o que possa succeder, pois talvez ainda hoje tenhamos o primeiro combate com o inimigo.

— Mas, sr. Holmes, observou o marquez, estamos nas costas da Noruega tão seguro como em França. Os terroristas não se atreverão a atacar-o.

— Julga isso atalhou Holmes, pois eu sou de opinião contrária.

— O que seria difficil em Copenhague por ter muito bem organizada a sua policia de segurança, talvez se realises n'essas cidadesinha maritima ou nas suas cercanias. O senhor e o seu valente capitão conhecem perfeitamente a estação caaveira de Christiansand. E' possível que já lá esteja de vigia um *pack* russo.

— E agora, continuou o policia envolvido por nuvens de fumo do seu cachimbo, vae dar-se um facto que bastante o surpreenderá. Resolvi para me distrair, fazer uma longa excursão até 2000 metros em Gjemtstid através magnificas florestas. O marquez pode vir buscar-me no seu regresso de S. Peterburg a Christiansand.

O marquez olhou admirado para o seu amigo, abrindo desmedidamente a bocca, a que lhe dava uma expressão particular.

— Com mil tróvões! As ondas me tragem, se eu o entendo! Não quero partir para S. Petersburgo.

Bem sabe, que esta viagem só foi empreendida por sua causa!

Harry Taxton sorria mansuetamente. Compreendia muito bem esse mestre, e só desconfiou da expressão do seu rosto.

— Estou satisfeito, proseguiu o genial criminalista por lhe poder affirmar que tenho a certeza de que o senhor, depois de estar em Christiansand, empreenderá com bastante prazer a sua viagem a S. Petersburgo!

— As suas palavras fazem-me occorrer esta pergunta, amigo Holmes:

— Digame abertamente o que encontrarei na costa Noroeguez?

— Um momento, Tanville! Já lá vamos.

— Sabará o senhor dominar a sua admiração, ou mesmo o seu terror, quando se fôr encontrar com seu irmão?

— Oh! é muito forte, exclamou Tanville ahando a cabeça. O visconde Guy, meu irmão, estuda com notável aproveitamento no lyceu de Laog, onde o fui visitar há apenas oito dias.

— Por conseguinte, o que acaba de me dizer e completamente impossível.

O genial criminalista ria amigavelmente.

— Ainda não percebeu, Tanville! Ora ouça. Se lhe disser que eu, o conhecido policia amador Sherlock Holmes, já apontado pelo comité dos terroristas, abandonei a minha personalidade para todos, passando a ser seu irmão Guy?

— Sufal! gritou o marquez cecando atrás da orelha. Por esta não esperava eu! E provavelmente vae já pôr em pratica a sua ideia?

— Sim, e levei o-homes a S. Peterburgo. Sherlock Holmes desaparecerá em qualquer subterraneo. Irei como filho e irmão de um marquez francez, e assim me introduzirei facilmente nos circuitos que me serão vedados, tendo occasião de fazer grandes descobertas.

— Ninguém deve suspeitar d'isto, nem mesmo o capitão Serrurier. Pelo contrario; para o bem resultado das nossas investigações, melhor é que todos os marinheiros julguem que o visconde Guy está a bordo.

— Admirável! sr. Holmes. Verdaderamente admirável, exclamou o marquez animado-se.

— Se me permite, marquez, dentro de meia hora representarei o papel de seu irmão.

— Outra coisa ainda. Tem a bordo algum fato para creado de quarto? Olhe para Harry que mostra comprehender-me. Na Russia, Harry deve passar por seu creado.

— Hurrah! gritou o mancobo alegremente.

— Tomará o nome de Pedro Leste, e passará por criado do visconde de Tanville, acrescentou Sherlock

Holmes. Collaboram connosco e para o mesmo fim alguns agentes do meu amigo Andrius, cada um dos quaes se desempenhará o seu papel. Sabe que na Russia não se viaja sem passaporte? Compreendem bem que cada um de nós tem o seu papel a representar?

— Certamente, meu amigo. Eu nunca representei respondeu o marquez; mas quando o senhor apparecer como meu irmão, mostrar-mo-hei muito comovido, e satisfactissimo pelo seu regresso, abraça-o-hei e beijalo-hei ternamente.

— Mas peço-lhe que o faça com alguma delicadeza, para eu não perder a compostura!

O marquez deu uma estridula gargalhada, e Sherlock Holmes, pelo contrario, apresentava um aspecto muito serio.

Navegavam perto da magnifica enseada de Christiansand, onde altissima vagas se erguiam em enormes arremetidas. Pouco depois surgia á vista a pequena cidade de Christiansand com as suas casinhas brancas e os seus altos terrapens na foz de Torridalef.

Entram ali, annualmente, milhares de navios, formando um confuso vaivem de barcos de todas as nacionalidades. Por todo o caso uma floresta de masts e chiméus.

O «Aiglon» singrava cautelosamente dentro do porto. O capitão estava na ponte de commando.

Sherlock Holmes e o marquez assistavam os olhos para a cidade. Harry estava no seu posto habitual, no ponto mais alto do mastro.

N'este momento, um navio de pequena tonelagem, com a bandeira estrellada dos Estados-Unidos da America, desfraldada, navegava a estibordo do «Aiglon».

O marquez de Tanville, que era capitão de corveta, vendo o navio approximar-se, comprehendeu o perigo e empallidou-se. Agarrou o genial criminalista pelo braço e apontou para o barco. Então este voltando-se, correu pelo convex fóra, direito ao capitão, que se encontrava na ponte.

O velho lobo do mar ouviu-o esbaldado, e, pegado no porta-voz den algumas ordens de commando.

Era talvez a primeira occasião que o notavel policia não sabia explicar os acontecimentos. Estava furioso ao ver que o navio suspeito se approximava extraordinariamente. Era já tão curta a distancia que se poderia fallar de um barco para o outro.

O «Aiglon» fez uma habil manobra, descrevendo uma curva e largando todo o vapor. Furtava-se assim, retardando a sua viagem para evitar o supposto barco americano.

Sherlock Holmes olhou admirado para o marquez não comprehendendo a significação da manobra.

Saltou para bombordo para ver se o navio estrangeiro se afastava.

De subito estremeceu. Invasido um grande sus-

to. Fex-se um clarão a estibordo do outro barco, desaparecendo na agua um objecto comprido.

N'este instante o «Aiglon» estremeceu e mergulhando afastou-se algum tanto do navio suspeito.

Minutos depois ouviu-se uma detonação surda. Uma enorme montanha de agua subiu ao ar.

O «Aiglon» elevou-se a grande altura, parecendo depois submergir-se, impellido por violenta tempestade.

— Maldita quadrilha! disse. Por felicidade sou official da marinha, e as manobras d'aquelle barco tornaram-se-me suspeitas. Pela construção e pela cor mostra ser um torpedeiro de divisão. Felizmente estamos em frente de Christiansand, e as nossas manobras surtiram effeito.

O illustre policia apertou-lhe a mão.

— Veja como é arriscado auxiliar Sherlock Holmes, querido marquez. Está justificadas as minhas precauções. Vae ter a prova de que não nos iludimos.

E apontava sempre para o barco que se sumiu ao longe.

O capitão d'este deu-se o conhecer, depressando e incognito. Arreou a bandeira estrellada, substituindo-a pela flamma russa.

Ao mesmo tempo um projectil caiu á agua entre os dois barcos.

A distancia, porem, era grande para que a pontaria fosse certa.

Como havia muitos navios no porto, o russo parou com a aggressão. Não se ouviram mais detonações.

O barco russo afastava-se cada vez mais, ao passo que o «Aiglon» recuava com pequena velocidade.

O marquez e Sherlock Holmes olhavam pensativos para o navio que parecia diminuir de volume.

Então Sherlock Holmes disse com solemnidade.

— Já vê, querido marquez, em que perigos estamos metidos. Foi esta a primeira saudação da aliança secreta. Logo que cheguei, abriram-se as hostilidades.

CAPITULO III

Attentado n'um porto noroeguez.

O capitão do «Aiglon» tinha recebido instruções. A grandeza do perigo, mostrava-lhe que a situação era critica. Ninguém tinha notado a entrada do navio na estação carvoeira. O marquez de Tanville vae de sportman com uma capa de seda da Indiana

brapo, Sherlock Holmes e Harry dirigiram-se para terra.

Harry, transformado em Pedro Leste, sobrava um enorme pacote contendo objectos pertencentes ao camarote de Sherlock Holmes e do marquez. No caso relativa grande animação, como em todas as povoações marítimas. Numerosos vapores e barcos costeiros tomavam carvão. Outros procediam a descarga.

No ponto em que encostavam os navios, viam-se trabalhadores, marítimos, e operários do porto. Sherlock Holmes contemplava com interesse toda a faina. O seu olhar perspicaz alongava-se por todos aquellos humes. Achavam-se junto de um monte de grandes caixas que estavam arrumadas prontas a seguir para Hamburgo.

Um d'esses humes estava sentado no alto da pyramide das caixas, com expressão risonha, conservando na mão uma das caixas.

Quando os tres amigos passaram junto d'aquelle sitio, appareceu um homem a cambalar. Cantava uma canção ouca n'uma voz rouca, e em attitudde de arremetter contra o genial policia.

Este, porém, não estava desprevendo. Applicou ao marquez de Tanville que estava á sua direita e desprevendo um valente empurro, que o fez dar um pulo para a rotaguarda, e gritou:

—Harry cuida!

No mesmo instante deu um socco tão violento nos ouvidos de vagabundo, que este, saltando um grito, rolou no solo com uma face na mão.

Quasi no mesmo momento, Holmes saltou para a frente. Não perdia de vista outro paife, e notou que as pesadas caixas tinham caído no caos produzindo enorme barulho.

O paife que se fingia embriagado e que atascara Sherlock Holmes, não se tinha ainda refeito do atordamento, e ficou debaixo de todo aquelle montão de caixas. Devia ter soffido graves contusões. O outro, que estivera em cima das caixas despenhara-se com os cabellos desganhados e os olhos fôra das orbitas.

O marquez avallou logo a situação e com fôrça prodigiosa segrou o malvado das caixas.

Sherlock Holmes estava a seu lado, e como sempre costumava fazer, em casos analogos, amarrar as mãos do paife. Tanville vigiava-o, para evitar qualquer tentativa de fuga.

Surgiram então muitos marinheiros e operários, e o gendarme do porto recebeu o preso.

As caixas foram removidas para outro ponto, e d'ahi a pouco nada se conhecia da destruição causada pelo desmoronamento.

Harry ficou altamente surpreendido perante aquelle inesperado acontecimento e Sherlock Holmes

e o marquez não puderam furtar-se a um bem justificado sentimento de recelo.

—La está a face com que o patife pretende fôr-me, disse Holmes dirigindo-se ao gendarme. Felizmente percebi-lhe, a tempo, a intenção. Não é isto verdade? perguntou ao supposto bebed, aliviado do peso das caixas, e a quem conservavam prisioneiro.

Este limitou-se a lançar um olhar oliento sobre Holmes, que pros-guiu:

—Não procederam, porém, tão depressa como queriam, e o meu socco deu melhor resultado que a sua infame navalha.

No posto de policia mais proximo foi instaurado o corpo de delicto, registando-se tambem o ataque do torpedeiro disfarçado em bandeira americana, posto que na realidade fosse um navio russo.

As autoridades norueguesas estavam furiosas por causa d'aquelle attentado contra a tranquillidade publica. Convenceram-se que o navio deve pertencer a uma illustre personagem russa, e deram ordem para a sua saída do porto.

CAPITULO IV

Descobertas na montanha

Por uma esplendida tarde de junho os tres viajantes encontravam-se no ponto de reunião dos marítimos no «Lustigen Soemann».

Estacionavam ali diversos carros puxados por um só cavalle, muito usados na Noruega. O grande policia orientou-se acerca dos arredores de Christiansand com um auxilio de um mappa collocado no corredor do hotel, e resolveu emprender uma excursão a Torrisdalssæter. Despediu-se affectuosamente do marquez e de Harry, a quem recommendou que, durante a sua ausencia, não perdesse de vista o marquez de Tanville. Subiu para um carro, e em breve desapareceu á vista dos seus amigos n'uma curva da estrada para a montanha.

O cavalle percorria a trote a magnifica estrada de Høchevald que descrevia numerosos zig-zagues até Gonstadsfjeld.

Sherlock Holmes estava convencido que os seus inimigos não o reconheceriam sob o seu novo disfarce, e que conseguira os seus desejos sem grande difficuldade.

Tendo percorrido um quarto de legua viu á sua esquerda um marco kilometrico, e ao lado um poste com a seguinte inscripção: «Caminho de Wassertall. Mandou parar o carro dizendo ao cocheiro que dese-

java subir a pé a montanha. Pagou a corrida juntando-lhe uma boa gorgeta, e que encobriu o cocheiro de alegria.

Sherlock Holmes, depois de acender o seu inseparavel cachimbo, começou a ascensão. O dia estava quente. Mas os carvalhos e as faias, espalhados por entre os pinheiros traziam-lhe uma briza fresca. Se o grande policia não fosse tão preoccupado e olhasse para a sua direita, floriaria extasiado na contemplação do immenso oceano, cujas aguas esverdeadas se erguiam aqui e ali em alturas vagas.

O sussurro e o estorrido era cada vez maior á proporção que avançava.

Aproximava-se das cataratas de Torrisdal, que em breves momentos lhe surtião a vista. Á enorme massa liquida saltava da rocha granítica, atravessada pela linha aberta caminho, talvez durante um seculo, e cachova com enorme ruido, precipitando-se de grande altura.

O grande policia parou a contemplar aquelle esplendido espectáculo da natureza. Mas breve se recordou do motivo que ali o levava. Viu uma gruta por cima do posto d'onde a agua se despenhava para onde davam ingresso uma degraus naturais, e percebeu-lhe sitio apropriado para proceder ao seu disfarce.

Persecutou o sitio e os arredores, e internou-se na caverna. Encontrou ali um banco toco, sobre o qual collocou um embrulho que trazia, e começou a sua transformação.

Em poucos minutos disfarçou-se no visconde Guy de Tanville, irmão do marquez, com o qual muito se parecia.

Envergou um elegante fato de touriste, composto de casaco branco com riscas azues escuras, chapéu de abas largas, um largo cinto, e elegantes sapatos azues escuros.

O bigode e o cabello loiros tornavam-no muito parecido com o marquez de Tanville. Pôz a tiracolla uma pequena carabina de repetição para se defender de qualquer ataque, e na mão um forte pau f-rado. De outro lado fôz um embrulho dando-lhe uma outra forma, segurando-o com duas correias em forma de murchia.

Esta rapida caracterisção que o genial criminalista fizera ao espelho tornava-o completamente desconhecido.

Após todo este trabalho desceu para Torrisdalssæter. Junto a uma bancas de pedra abriam-se differentes caminhos. Um posto indicava o do Hotel Torrisdal. Outro, a direcção da floresta. O co-ehre hotel, porém, não se avistava d'aquelle ponto, pois a floresta e os montes encobriam tudo. Holmes passou a carabina para o hombro direito a fim de a ter mais á mão para

a defensiva, encostando-se ao pau com a mão e quebra.

Aspirava com uma certa delicia o ar fresco e re-balassado da floresta, mas sempre attento para-m-pellir qualquer ataque imprevisto. Andava compassos rapidos, quasi imper-cebvia.

Parou a escutar. Talvez se enganasse, mas pareceu-lhe ter ouvido a pouca distancia uma voz irada. Espreitou. A voz tornava-se mais distincta.

Sherlock Holmes presentiu os inimigos e julgou perceber que fallavam em russo.

—Felizmente percebo o russo, disse de si para si, sorrindo. Acontele-me nos. Como apparecer aqui estes patifes?

Aproximou-se mais do sitio d'onde lhe parecia virem as vozes.

A matta era n'aquelle ponto tão espessa como uma floresta virgem.

Ocultou-se por detraz de um enorme carvalho derribado pela tempestade e espreitos.

Pareceu-lhe tornar a ouvir outra vez os mesmos sons, aos quaes outros respondiam. Teve então a confirmação das suas suspeitas. O seu fino ouvido não enganava. As palavras irritadas das pessoas que não podia vêr, eram proferidas em lingua russa.

Atravez uma arbores da altura de um homem pde- ver os que fallavam.

Eram quatro touristes bem vestidos. Tres estavam sentados na relva, comendo e passando de mão em mão uma gerra de vinho. O outro mais edoso, de barba comprida, fumava e fallava animadamente fazendo grandes gestos.

—Repto que lhes prohibo terminantemente que planejem e executem qualquer ataque sou me consultarem! Essa louca ideia d'um ataque em pleno dia, não a approvo. E' uma verdadeira estupidez. Não pensem que Sherlock Holmes se deixará apanhar por esses meios! Quando soube que era elle o mais perigoso inimigo da nossa alliança, entendi que sobre elle deviam ter dirigidos os nossos ataques, impossibilitando-o de entrar em S. Petersburg. Os nossos projectos não deram resultado. Sabem que estou costumado a lidar com toda a especie de criminosos, e todavia elle tem escapado de todas as nossas emboscadas.

—Não, coronel, redarguiu um dos outros, nem sempre ha de escapar. Estou convencido que a emboscada do urso e do carvão, esta noite, ha de dar resultado.

Sherlock Holmes não perdia uma unica palavra. Felicitava-se por conhecer tão bem a lingua russa.

Ma reflectiu. O que queria dizer aquillo? A que se referia aquelle homem quando fallava no urso? Talvez o marquez estivesse em perigo durante a sua

ausência, em vez d'elle. Escutou com mais attenção ainda. Percebeu que o coronel não approvava.

—E tu sempre com as tuas ideias de arena! O que resultará d'ahi? Que parvo criará n'esse laço? Se esse conselho fôr dado pelo nosso chefe espiritual, lavô d'ahi as minhas mãos!

—Não quero nada com urso nem com fogos em armatemas de carvão!

O grande criminalista sabia o que precisava. O resto viria por si. Saíu rastejando do seu posto de observação, e dirigiu-se para o hotel, onde começou a pressa alguma coisa. Disse ao dono do hotel que mandasse atrelar o carro, e ao freio do ligeiro penny correu na direção da costa.

A noite aproximava-se.

Quando Holmes passava na curva que conduz a Tarrisdallfallow viu os quatro russos saírem da floresta.

O carro aproximava-se do termo da viagem. Viu-se as luzes em Christiansund, reflectindo-se no mar coverdeado. Poucos minutos depois o carro parou em frente do jardim de Lustigren Seemann.

Ouvia enorme gritaria e distinguia alguns urros de animas.

O marquez de Tanville e Harry, ou melhor, Pedro, creado d'aquelle, depois de se despedirem de Sherlock Holmes, entraram no jardim que circundava o Lustigren Seemann. Reinava ali a maior animação. Eram cinco horas da tarde. Homens de todas as nações tinham-se ali reunido para ouvirem cantar e dançar uma mulher sueca, ao mesmo tempo que se entregavam a repetidas libações. Ao lado de officinas e marinheiros abandonados ás mezas do jardim, havia numerosos grupos de homens do mar, que se apressavam a gastar a sua magra fortuna. Ao fundo, do lado direito, elevava-se um estrado. Era ali que estavam os cantores, palhaços, comediantes, e entre elles um domador de feras, que segurava um enorme urso por uma corrente de ferro, obrigando a fazer algumas habilidades com que divertia o publico.

Tanville fez signal a Harry e tomou logar a uma mesa, onde podiam commodamente observar tudo o que se passava.

O marquez no seu elegante traje de touriste, pareceu despertar a attenção dos presentes, assim como o seu creado.

Talvez já se aubesse que elle era acompanhado por um pacifica amador, por causa da scena que se dera no casino.

—Talvez já se aubesse que elle era acompanhado por um pacifica amador, por causa da scena que se dera no casino.

CAPITULO V

Trama infernal

Harry tinha-se levantado e estava junto do domador dos urso.

Dois homens, o dono do urso e um touriste, conversavam animadamente voltando lhe as costas. A presença de Harry parecia excitar o monstruoso animal. Andava inquieto de um lado para o outro, levantava e abaixava a cabeça. Por vezes soltava urros, escancarando a bocca onde se viam potentes presas.

Harry percebeu que os dois fallavam em russo, e em voz baixa.

O touriste dizia qualquer coisa que o outro mal comprehendia. Cegava na cabeça e parecia fazer objectos.

Tambem viu que elle recebia algumas notas do banco, estrangeiras.

—Toma mais tres, disse-lhe o touriste, para o caso do urso ser morto, ouvin dizer Harry.

Então reconou um pouco, collocando-se por detrás de um tonel, d'onde escutou o resto da conversa.

—Não deste de comer ao animal?

—Não, meu senhor.

—Queira Deus que elle se xingue. Ha de ser difficil segurar o animal.

—Tanto melhor. Preparaste a corrente para a poder quebrar, quando o animal se lançar furioso sobre elle?

—Sim, paesinho! Mas o homem vai morrer d'uma morte horrivel! Nenhuma força humana poderá obrigá a animal quando se lançar sobre elle! Não me esquece a fazer isso!

—Louco! Para que hesitas, Dimitri? Não sabes que o brago do nosso chefe alcança longe, abrangendo mesmo o passado? E se eu te contasse a historia de um commerciante que desapareceu?

—Em Tanagá? Oh! Cale se, cale se! Paesinho! para que vem isso? Farei o que quizer. Sei que não tem compaixão d'este pobre rustico, que lhe caiu nas mãos!

—Tudo isso são palavras. Não me irrites. O czar manda que o seu inimigo seja aniquilado como te disse. Se fôres bem succedido, não me venhas pedir mais dinheiro. Já te dei dois mil rublos, Dimitri, dois mil rublos!

—Mas se fôr mal succedido? Se matarem o meu pobre urso? Estes homens do mar não recebem a proprio diabo. Trazem sempre revolver, e nunca saem sem a sua faca.

—De nada te servem essas lamentações, respon-

CAPITULO VI

Combate com um urso

Os negros desapareceram e a cantora deixou incompleta uma das suas canções suecas.

Harry participou ao marquez as suas descobertas. Este admittio-as e não ficou menos atterrorizado.

—Um combate com um urso dos montes Urales! São coisas que se veem todos os dias. Os patifes andam á procura do carasso, disse. Quem tem caçado tigres no Tunkim, como eu, não tem uma luta de estas.

Mostrava no rosto tanta alegria e arrojo que Harry tranquillou-se.

—O domador chegou a total? perguntou o manco. Veja se a orla do casaco está manchada de sangue.

O marquez olhou com uma certa repugnancia.

Harry tinha razão, pois se notavam algumas manchas de sangue ainda humidas.

—O patife, disse Tanville, veio estragar-me o casaco.

—Lavemos já a nodosa com vinho branco. Porque será que o patife quer excitar o animal contra si?

—Não, não! Escoberei a fera, encontrarei o combate, mas não farei uso da minha faca de matto. Não, não! E não disparas antes de tempo fazendo com que eu perca a presença de espirito! Hei de mostrar-te como os nossos antepassados normandos, no tempo de Roberto do Diabo, procediam, quando essas feras abusavam pelo montes d'uma epoca em que eram desobediças ás armas de fogo.

Em seguida o marquez puxou por uma alçada e larga faca e collocou-a na sua frente. Descalçou as luvas e dobrou a capa. Harry realceou evitar aquella luta corpo a corpo com a fera.

Collocou-se junto do pedaço de carne que o malvado deixara cair.

A melhor occasião para matar o urso seria quando elle se preparasse para devorar a carne.

A noite encandera o seu manto e a luz electrica apparecia aqui e ali.

Harry apalpu o cano do revolver que tinha no bolso e espreitava a entrada da porta.

Tanville mandou vir mais uma garrafa de vinho, e bebeu um copo com todo o socego. A cantora fôse ouvir. Os succos aproximaram-se o mais possivel e a singular musica começou a tocar algumas melodias russas. O domador e a fera appareceram em scena. Aquelle trazia um fuso apropriado, vermelho e amarello, apertado com um cinto dourado; as calças eram

den o outrol Aproveitando a confusão geral, deitas o laço á fera, e desaparecos nas trevas para não mais voltaras. Se attingirnos o ponto desejado, ainda nos resta muito que fazer. Mas talvez nos espium. Separemo-nos.

Harry teve que fazer inauditos esforços para não puxar do revolver. Tinha ouvido bastante. Alguma coisa se tramava.

O mestre estava ausente, mas o marquez parecia estar tambem ameaçado. Sentia-se felis em velar pela sua segurança, espando todos os movimentos do domador, enquanto o visse no jardim. Racionou subitamente até chegar á entrada da porta. Depois levantou-se e começou a passar pelo jardim asseoiando e com asmos nos bolsos. Alguns negros soltavam grande algazarra divertindo o publico. Davam pulos batendo com o tambor e outros instrumentos na cabeça, na testa e nos joelhos. Estes trabalhos foram acoidos com applauso, ao som de uma musica com caracter africano.

Então o domador approximo-se com uma bandeja na mão pedindo algum dinheiro. Harry seguiu-o. O russo dirigia-se a Tanville como bandeja.

Harry dispoz-se a defender a vida do amigo de seu mestre.

De repente notou, com grande admiração que o russo tirára qualquer coisa da camisola e a deixava cair no chão. Não ponde vêr o que era, apenas fixou o ponto onde caíra.

Ao vêr que o russo se afastára para perto d'uma mesa dirigia-se a esse ponto, e sem que ninguém visse apanhou um objecto avermelhado. Era um pedacito de carne ensanguentado.

Comprehendeu então o intuito do perverso domador. O animal esfomeado seria atraído pela isca para se lançar sobre o marquez.

Harry empalledeceu horivelmente. Porque não estaria ali o seu mestre? Como repelliria aquella trama? Pensou em avisar a policia, mas o tempo urgia. Que fazer? O que lhe diria seu mestre, se não evitasse aquella desgraça? Notou que n'esse momento o russo se aproximava do marquez e beijava como um escravo a orla do casaco de Tanville. Este deu-lhe uma avultada somma. Em seguida abanou a cabeça melancolicamente e afastou o russo. O russo tocou o fuso do marquez com a mão ensanguentada para indicar ao monstro a sua victima.

O domador afastou-se em direcção das mezas do fundo, disfarçadamente. Pedia camola á direita e á esquerda e á primeira recusa passava adiante até que desapareceu pela porta.

verdes, botas altas e reluzentes, e na cabeça um barrete com a imagem d'um santo ao centro. No cinto guardava uma faca russa com enfeites que vinha prender ao hombro por um cordão.

O domador entrou em scena segurando o urso por uma corrente de ferro. O urso estava inquieto e dava urros formidaveis. Atravessando sacudindo a cabeça continuamente. Mas os puxes da corrente que se lhe prendia ás ventres, e ás pancadas que recebia, acalmavam-lhe as iras e faziam cessar os urros. A musica começou a tocar, o animal ergueu-se, nas patas trazeiras. A sua enorme cabeça dominava a do pequeno domador. Começou a dança. O domador collocou um pau nas garras do urso. Uma panacea acompanhada com o toque dos timbales fez uivar ferozmente o animal. Com o pau entre as garras dançou grotescamente em volta do touro applaudido pelo publico, que gritava: bravo, hurrah!

Estaria, porém, o domador louco?

Dançava tambem freneticamente, gritando aos musicos: depressa, depressa! Mais timbales! E puxava pela corrente de tal modo que o urso bramia de dor e de raiva. Não cessava de o castigar com vigorosas pancadas.

A fera enfureceu-se e deixou cair o pau. Agarrou violentamente na corrente de aço que o martyrisava e sacudiu-o. O dono redobrou de pancadas e desistiu a corrente. Esta pariu. O russo tropeçou como se perdesse o equilibrio.

O urso ficou interdicto. Dava urros e preparava-se para arremeter contra o seu algoz. Então ergueu-se a pino, fajeando com o focinho no ar. Saltou do estrado para o jardim e caminhou em direcção do publico. Resou uma gritaria infernal, imprevisões, banhos e cadeiras para ar, enfim, uma confusão medonha.

O Marquez encolheu impassivel a capa de seda em volta do braço esquerdo, carregou o chapéu na cabeça empunhando com a mão direita a comprida faca. Avançou. A sua expressão era a d'um caçador esperando a fera e preparando o ataque.

Harry observava-o attentamente e dispunha-se a disparar o revolver.

CAPITULO VII

Caminho livre

Na confusão geral ninguém tinha reparado na chegada d'um Skid. O grande policia ouvira a gritaria, quando chegava. Realisara-se o que ouvira ao coronel russo. Reconheceu os rugidos da fera. Sherlock Holmes correu para ver o que se passava.

Viu um estrangeiro em trajes scenicos muito vermelho com um cordão atado ao braço direito. A expressão de immenso jubilo que se lhe divysava no rosto, fez perceber ao grande policia, que possua um poder extraordinario de ler nas phisiconomias que tinha na frente um inimigo.

Rápido como o pensamento applicou no homem um soco tão violento que este vacilou e caiu no solo.

Algonon o immediatamente.

Em seguida dirigiu-se para o monstro que o fitava com olhos chamejantes. Mas o espectaculo que se lhe offereceu á vista foi o estremo de horror. Viu que Harry Taxon e o Marquez caminhavam resolutamente para a fera, e percebeu-lhe ver scintillar uma arma.

Se Harry contava com a paragem do urso a devorar o pedanto de carne, enganou-se. O urso apenas viu a carne, deverou-a sem parar na carreira. O ocheiro da carne e a fome que tinha excitaram a sua voracidade, e raiva, dava pulos enormes, escancarando a bocca na direcção de Harry. Este, não podendo fazer boia pontaria por causa dos movimentos que o alvo fazia, errou a cabeça do urso. O animal viu junto da meza o Marquez. Levantou então as patas dexteiras e abriu as fauces para cingir a victimia n'um abraço de morte. Mas apenas tocou o corpo de Marquez recebeu tão profundo golpe ao peito, que rolou uivando no solo. O valente normando saltou sem hesitar sobre elle e enterrou-lhe a comprida faca até ao coração. Quasi ao mesmo tempo Harry disparou segunda vez.

Aparentar uma corda no pescoço do urso, que ficou immovel. Do peito da fera corria abundante sangue, o corpo estremeceu violentamente, e o animal expirou saltando um ultimo urro.

Ouviram-se então gritos de enthusiasmo, palmas e hurrahs como se todos estivessem possuidos de uma louca alegria.

Todos cercavam o Marquez felicitando-o, e alguns maricheiros levantaram-no nos hombros, levando-o em triumpho para o estrado, ao som de febril exaltações. A cantora cantou em sua honra a marseillesa.

—Harry, vamos depressa gritos-lhe ao ouvido uma voz conhecida.

Ao voltar-se, deparou, attonito com outro Marquez de Tanville. Mas logo se recordou que era o seu mestre disfarçado em visconde Guy, irmão de Marquez.

—Ahi saíste, mestre? exclamou com alegria.

—Mas não chegas a tempo. Pedro, disse Holmes, sorrindo enquanto soltava o laço do pescoço do animal. Não temos tempo a perder!

Então Sherlock Holmes começou a correr na direcção de Torisdall, d'onde ha pouco viera, e Harry Taxon acompanhou-o.

Quando chegaram á primeira curva da estrada envolveram-se uma profunda escuridão, projectada pelo compacto arvoredo da floresta.

—Estamos na curva, disse Sherlock Holmes, e começo a prender a corda a uma das arvores estendendo-a á altura de uma pollegada sobre o caminho. Na parte opposta atou a outra extremidade apertando fortemente os nós.

Harry olhava o mestre tentando comprehender.

—Vas ter a explicação do meu trabalho, Harry.

Recia um pouco para detraz da arvore, de modo a occultar-se bem, enquanto eu fico aqui mais a cima.

Minutos depois distinguiram o barulho d'uma motocyclotta, que entrava na curva com a maior velocidade. Approximou-se. Por causa da grande escuridão mal se divisava um vulto inclinado para a frente.

De repente a motocyclotta deu um salto, e o vulto foi projectado a curta distancia.

—Temos desastre, disse, levantando-se na direcção da machina. Mas Sherlock Holmes alcançou-o de um pulo e apertando-o nos seus musculosos braços, passou-lhes as mãos por detraz das costas e algemou-o.

Como o russo tinha perdido os sentidos na queda produzida pelo ataque de Sherlock Holmes, foi facilmente amarrado sobre a machina, e Harry que era um habil cyclista saltou logo para ella.

Os dois policas entraram o prezo á policia, e Sherlock Holmes correu para junto do domador algemado, a fim de evitar que elle se evadisse.

Em seguida dirigiu-se ao telegraphon. Ahi expelliu um telegramma para a associção russa dos motocyclistas do hotel Torisdall conhecido nos seguintes termos:

«Gorazda a empreza do domador, urso morto, impossivel voltar, espero hoje á noite em Suchaten».

Depois teve uma demorada conferencia com o chefe da policia norueguesa, que já conhecia o caso do urso. Redigiu um extenso relatório sobre as descobertas do grande policia em Torisdall e do infernal attentado, cuja combinação Harry escutára, assim como dos planos machiavellicos dos russos não esquecendo a mais pequena circumstancia.

Deu então ordens terminantes para que alguns barcos do governo noruegues carregassem o carvão e o deixassem ao mar n'essa mesma noite.

O governo abastou-se tambem das necessarias provisões de carvão pelo preço do custo.

Os criminosos foram capturados.

Mas, apesar de todas as precauções, os guardas que os vigiavam, confiando no numero, tiveram um momento de descuido, que os criminosos, a quem não tinham, tirado as armas, que levavam occultas nos

bolcos, dispararam os revolvers, matando um dos agentes.

Depois aproveitando da confusão, conseguiram evadir-se d'um escalor a vapor que os conduzia a bordo de um yacht, desaparecendo rapidamente no meio das trevas.

CAPITULO VIII

Na legação franceza em S. Petersburgo

O «Aiglon» do Marquez de Tanville deixou o porto noruegues.

O Marquez já tinha apresentado ao capitão e ao piloto, o visconde Guy, seu irmão mais novo, assim como o seu creado Pedro, os quaes os leitores sabem, que eram, nem mais nem menos, o genial criminalista e Harry Taxon admiravelmente disfarçados nas suas novas personalidades.

Informou tambem o capitão que o policia amador ficara quatro semanas na Noruega, e que, passado esse tempo, teria de o vir buscar.

O capitão perguntou o rumo que devia tomar.

—Faremos a nossa derrota para S. Petersburgo. Desejo eu mesmo participar a Sua Magestade, o czar, os acontecimentos que aqui se deram.

O notavel criminalista estava altamente admirado de terem passado as fortificações de Cronstadt e o ante-porto sem serem alicados.

Ao chegarem a S. Petersburgo eram esperados pelo embaixador francez.

Subiram para uma carruagem e em breve chegaram em frente de um soberbo palacio onde tremelava a bandeira tricolor.

Tinham percorrido extensas avenidas, observando todo o bulicio da grande capital russa.

Durante o almoo Sherlock Holmes fez um ligeiro esboço do seu plano.

O diplomata ficou verdadeiramente estupefacto perante a perspicacia do grande criminalista. Aparentou-lhe a mão enthusiasmo.

—Nunca esperei tantas maravilhas de um policia amador, sr. Holmes. Já não tenho apprehensões e vou tranquillisar o imperador. Agradeço-lhe ter vindo de depressa, e tão habilmente disfarçado. E' impossivel ser reconhecido pelos mais terríveis revolucionarios. Pode contar com todo o meu auxilio na perigosa empresa que vai tentar. Espero que será bem sucedido e que regressará coberto de gloria á sua patria.

Sherlock Holmes escutava em silencio.

—E' possivel que se engane, Excellencia, respondendo com a sua imperturbavel serenidade. O comitê dirigente dos terroristas sabe que eu parti para aqui. Em seguida expoz-lhe todas as peripetias dos attentados contra elle dirigido em Christiansand.

O embaixador mostrou-se muito preocupado.

—Então, está tudo perdido, disse.

—Não podemos afirmar isso, Excellencia. Mas os perigos augmentam. Para poder proceder com maior segurança disfarcei-me no irmão do sr. Marquet, e é possível, acrescentou sorrindo, que tenha de adoptar outros disfarces. Não desaximo, e, por muitos perigos que tenha de arrostar, espero chegar ao fim, se antes me não matarem.

O diplomata cobrou algum animo, e após um curto silencio, disse:

—E' um enigma o modo como os terroristas conseguiram apoderar-se do chefe da policia. Já decorreram quatorze dias e não se sabe onde poderá estar. O czar recela que o tenham assassinado, ou que o submetam a horribes torturas, por ter a verdadeirae coragem de penetrar nos seus arraaes, ou foi infelizmente reconhecido.

—E onde se presume que seja a sede dos terroristas?

—Ninguém o sabe, sr. Holmes. Talvez em Moscow, ou n'algum ponto mais occulto d'este grande paiz! Quem pôde affirmar-o? Andamos verdadeiramente às cegas. Posso acompanhar-me para que o apresente ao Czar? Será admiravelmente recebido, e estou certo que a sua presença o tranquillizará. Elle mesmo lhe dirá alguns disfarces que Kowanof usava ultimamente.

—Da melhor vontade o acompanharei, mas peço-lhe algum do empenho que evite por todos os meios, que se saiba que um agente de policia estrangeiro se occupa d'este mysterioso caso. Desconfio das pessoas que acompanham o czar. Alguns são verdadeiros espies que participam ao comitê tudo o que no paço podem observar. Com isto não quero ferir a lealdade e honestidade de muitos, mas é uma triste verdade que espero demonstrar.

—E' essa uma horivel suspeita que péta sobre todos nós! e só o penal-o, me horroris! Todavia... é possível que tenha razão!

—Para mim quasi que é uma certeza, Excellencia. A perseguição de que fui victima até chegar aqui, é uma prova frissante de que as minhas suspeitas tem algum fundamento.

—Não me mereço tambem confiança alguma a que obtemos a terceira crite. Deve ali haver traidores. O diplomata reflectia.

—E' admiravel o seu espirito de observação, sr.

Holmes, e as suas palavras, resultado de deducções nítidas e precisas, convenceram os mais incredulos.

Sherlock Holmes sorriu.

—Dirá muito bem, Excellencia. E a pratica da observação de todos os factos desde o mais insignificante. E' d'ahi que vem a celebridade de Descartes, da sua constante força de observação!

—Desejo ter toda a liberdade de acção, sem o auxilio das espheras officiaes. Quero trabalhar só, como sempre costumo, sem peias que prejudiquem os meus planos. Como auxiliar tenho o meu discipulo Harry Taton, cuja cooperação não é para desdenhar. Fallo suavemente o russo, e isso me basta.

—Sómente desejo que me forneça um bilhete de apresentação para a senhora Kowanof.

—Immediatamente, sr. Holmes! E será recebido com toda a gentileza.

O embaixador tirou um bilhete da carteira e collocou-o sobre a secretária. Eo-aveo rapidamente algumas linhas e entregou-o ao criminalista que o guardou sem o ler.

—A morada da senhora Kowanof é em Nerokins —Trospekt 150.

Sherlock tomou apontamento na sua carteira de lembranças.

O diplomata acrescentou:

—Encontrará na senhora Kowanof uma das damas mais corajosas e mais distinctas da sociedade de S. Petersburgo, sr. Holmes. A fidelidade que disfructuavam os dois esposos foi destruida cobardemente pela mão dos terroristas.

—Creia, senhor ministro, que sentirei intima satisfação em desvendar este mysterio, e poder restituir, nos limites do possivel, a ventura que essa senhora perdeu, disse Holmes com a maior naturalidade.

—O senhor não é só um admiravel criminalista, exclamou entusiasmado o embaixador, é muito principalmente um nobre coração!

E apertou-lhe a mão bastante comovido.

Sherlock Holmes teve um ligeiro sorriso de satisfação, e respondeu naturalmente:

—Não mereço tão entusiasmaticos elogios, Excellencia. Afirmo de tudo, que policia, mas isso não obsta a que tenha sentimentos de humanidade, sem que, por isso, mereça agradecimentos. Mas voltemos ao assumpto da nossa conferencia. Conhece algum serralheiro de confiança, homem que veja e ouça, e seja mudo como um tunel?

—Tambem preciso um facto como os que usam os operarios russos.

O embaixador sorriu-se.

—Eu sei que o sr. Holmes é um dos melhores transformistas da actualidade. Mas não será difficil arranjar o que precisa.

—Muito bem. Será conveniente trazer-o aqui com todo o segredo, e que venha munido de chaves falsas, porque há de precisar d'ellas.

—Far-se-ha como deseja, sr. Holmes.

E encorregou um dos creados da embaixada de ir chamar o seu serralheiro.

Sherlock Holmes dirigiu-se então ao marquez e disse-lhe:

—O senhor marquez podia fazer-me o favor de mandar pôr um automovel á minha disposição?

—Não é preciso, atalhou o embaixador, pode utilizar-se do meu que está sempre prompto para qualquer serviço.

—O que seria um excellento annuncio da minha presença em S. Petersburgo! E' preciso usarmos da maior prudencia. Convem muito que os nossos inimigos ignorem que o criminalista Sherlock Holmes anda na sua pista.

—E' preciso procurar em qualquer garage, um automovel de bastante força e resistencia, e alugar o em nome do visconde Guy de Tanville.

Já muitas vezes um automovel me tem livrado da morte e conduzido á victoria. Harry é um habil chauffeur, e tenho n'elle a maior confiança. Digne-se o senhor embaixador dar as suas ordens para que o automovel esteja aqui no mais curto espaço de tempo, e prompto para sair. Será bom que o aluguel se faça por uma ou duas semanas, e que se pague adiantadamente. Mas onde está o meu ajudante?

—Espera no corredor, respondeu o marquez que se dispunha a satisfazer os desejos de Holmes.

Batram á porta do gabinete. Harry entrou.

Sherlock Holmes disse-lhe algumas palavras em voz baixa, e Harry saiu.

CAPITULO IX

O livro de apontamentos

Pelas nove horas d'essa mesma noite, um honrado serralheiro, munido de um molho de chaves dirigiu-se ao palacio do ministro da policia, Kowanof. O serralheiro, que usava barba comprida e preta, trazia um largo cinto d'onde pendiam varios utensilios da sua arte. Na cabeça um chapen de feltro de abas largas e botas de cano alto por cima das calças.

Dirigiu-se ao porteiro nos seguintes termos:

—Sou o serralheiro que mandaram chamar, disse, conservando-se no limiar do portão.

—Não se mandou chamar nenhum operario, disse o porteiro em tom arrogante.

—E' possivel que o senhor ignore este facto, respondendo Holmes com toda a delicadeza, mas foi mesmo Sua Excellencia que me mandou chamar para concertar com urgencia alguns moveis. A pessoa que me affiança deu-me este cartão, que fará favor de entregar a sua ama.

Tirou do bolso um sobrescripto fechado que entregou ao porteiro.

—Se isto será mais alguma tramoia! disse este de si para consigo.

—Mas queira entregar já o cartão, porque a senhora espera-me.

O porteiro encostou a porta resmungando, e o serralheiro esperou.

Passados minutos, regressou dizendo:

—Siga-me. E' fecho o lado da porta.

Os dois seguiram por um vestibulo de grossas colunas até uma magnifica escada tapetada.

O porteiro abriu uma porta que os dois transpuseram. Ali, estava um outro creado que se encorregou de introduzir o serralheiro até junto da dona da casa. Era uma luxuosa ante-câmara brilhantemente illuminada a luz electrica.

O creado bateu a uma porta lateral, dizendo:

—Está aqui o serralheiro, Excellencia.

—Mande entrar, Dimitri, e pode retirar-se.

—Entre, disse com mans modos, e um tanto receioso, para o serralheiro. Depois afastou-se.

O operario, admirado do grande luxo que o rodeava, entrou.

N'um elegante gabinete, esplendidamente mobiliado, estavam duas damas sentadas n'um sofá, trajando rigoroso luto, e que olhavam curiosamente para o serralheiro.

A mais nova, de cabellos louros e rara belleza, ergueu os olhos lacrimosos para o serralheiro, e perguntou:

—O sr. Holmes, de Londres?

—Sim, Excellencia, respondeu o grande policia, completamente irreconhecivel sob o disfarce que adoptara.

—Venho de Paris a pedido do sr. Barlo de Carcelles, embaixador da França, para desvendar o terrivel mysterio que agita a vida de Vossa Excellencia.

—Muito lhe agradeçamos, exclamou a dona da casa, nublada.

E estendeu ao genil criminalista a pequenina e alva mão que este apertou respeitosamente.

Em seguida, indicando a outra dama:

—Minha mãe, madame de Kolymin. Mas queira sentar-se, sr. Holmes.

Logo que Holmes se sentou, a senhora Kowanof começou a fazer-lhe uma ligeira narração do que se havia passado, entrecortada por soluços de dor.

—Muito bem, disse Holmes, depois de ter escutado atentamente. Presinto que vou jogar as ultimas cartas, e vejo o resultado muito duvidoso. Poderiam-me profundas trevas. Permitta-me, minha senhora que lhe faça algumas perguntas.

—Da melhor vontade, e oxalá que as minhas respostas a satisficam.

—Quando viu seu esposo pela ultima vez?

—A senhora Kowanos levou o longo aos olhos para limpar as lagrimas.

—Hoje é quinta feira. Fex hontem quatorze dias. O grande policia tomou apuntamento no seu livro.

—Estamos a vinte de junho. Foi pois em quarta feira, cinco do mesmo mez.

Depois, prosegueu:

—E a que horas?

—A's nove horas da noite, depois da ceia.

—O sr. ministro saiu em seguida? Sabe para onde foi?

—Certamente, disse me que tinha uma conferencia importante no Club!

—Como se chama esse Club?

—Alttrussichen club!

—Seu marido era socio ha muito tempo?

—Não. Meu marido era pouco afficcionado a clubs e entras reunioes. De resto, não tinha tempo para isso. Trabalhava sempre até alta noite.

—Recorda-se ha quanto tempo seu marido se inscreveu para socio d'esse Club?

—Muito bem, ha talvez cinco ou seis semanas.

—Tirou algumas informacoes d'esse Club?

—E' possivel que o fizesse. O secretario do club, barão de Magranow, addido ao ministerio, veio em nome da direccao apresentar-me os pezames.

—Maganow, secretario do club, addido ao ministerio, escreveu Holmes no seu livro de apontamentos.

—Por essa occasiao, continuou a senhora Kowanow, afirmou que meu marido depois de sair do club, nunca mais fôra visto. Alguns dias depois apresentei-me um cocheiro seu conhecido. Esse homem dizia que, pela meia noite d'esse dia, saira do club um cavalheiro distincto e se utilisara do seu carro.

—Perdeu, minha senhora, interrompen Sherlock Holmes, onde está situado esse Alttrussichen Club?

—No edificio do celebre café austriaco no Grande Sadowaja, numero 87, se bem me recorde. O homem que o cocheiro descreveu não podia ser outro senão meu marido. Disse que mandara seguir na direccao do hairro Sukanan, mas desceu do carro antes de lá chegar, continuando o caminho a pé. Que iria o desgraçado fazer para aquellos lados? Porque nunca mais appareceu? Os lhe succedeu algum desastre, ou foi victima de um attentado.

Sherlock Holmes tomava rapidamente os seus apontamentos, ao mesmo tempo que dizia:

—Um chefe superior da policia deve ter tantos motivos para proceder a investigações secretas, que não vejo n'isso nada de extraordinario. Mas ainda careço de mais algumas explicacoes. Como se chama o cocheiro, ou antes, que numero tem o carro que costuma guiar?

—Chama-se Iwan Narenko, segundo disse Magranow, e tem o numero 3006 estacionando em frente do café Austriaco.

—Muito bem. Veremos se estas dadas produzem alguma luz. De resto, tenho ja uma pequena pista a seguir. Como se chama o presidente do club?

—E' o barão de Saniwatsch, estabreiro-mór de Sua Magestade, o Imperador.

—Era amigo de seu marido? Considera-o um homem honrado, com quem se possa contar?

—Inteiramente! Pode confiar em Gregorio Borosow. Está inconfessavel por não ter até hoje apparecido o mais leve vestigio de meu marido. Tenho fallado com elle muitas vezes.

—Pode apresentar-me, como sendo visconde Guy de Tanville, amigo de seu esposo, que deseja intervir na descoberta do myst-rioso caso, e que dispõe de homens ouzados e valentes, experientes em assumptos d'esta natureza?

—Da melhor vontade, sr. Holmes.

—Aproximou-se d'uma elegante secretaria, sentou-se e pouco depois apresentou um cartão escripto ao celebre policia.

—Está satisfeito, sr. Holmes?

—Este agradeceu e guardou-o. Depois acrescentou: —Tenho-lhe a pedir-lhe que me permita revisitar o gabinete de trabalho de seu marido, assim como a sua secretaria. Talvez ahí encontre algumas coisas que nos seja util.

N'este momento Sherlock Holmes applicou o ouvido.

—O que ha n'aquelle ponto? perguntou em voz alta, apontando para o fundo.

—Mas antes que a senhora Kowanow tivesse tempo de responder, metteram cuidadosamente uma chave na fechadura e a porta abriu-se para traz.

As duas mulheres ficaram terrorisadas. Parecia que uma sombra desliziava da escuridra para a direita, occultando-se atraz de outra porta.

O genial policia correu para ali com a mão no bolso do casaco. Examinou a balaustrada, e olhou para baixo.

Bastante preocupado tornou a voltar, sem ter descoberto nada.

—Par-cu-me ouvir um ligeiro ruido? Não viram um vulto que desapareceu rapidamente?

Mãe e filha surpreendidas por aquelle accidente inesperado, não tinham avistado o vulto.

—Será conveniente fecharem com todo o cuidado a porta da varanda, e trancar á noite as janelas. Mas não pode ser porque não tem porta!

—Mas eu tenho a certeza de ter fechado a porta da varanda! As perlanas estão corridas.

Sherlock Holmes esfregava as mãos, como tinha por costume, quando fazia alguma descoberta.

—Torno a repetir-lhe, minha senhora, que se acas-tete d'aqui para o futuro!

A dona da casa ia fechar novamente a porta, mas Holmes fez-lhe um signal com a mão.

—Agora não, quando eu sair.

As duas senhoras olharam-se sem comprehender. Sherlock Holmes dirigiu-se então, com a sua lampada electrica accessa para a secretaria.

Sobre ella havia alguns papeis manuscritos, e ao pegar n'elles reparou que no panno verde, ao fundo, havia um pequeno traço, sobre o qual passou involuntariamente a mão.

—Tem a chave da secretaria. Excellencia?

—Não, meu marido trazia-a sempre consigo.

Então Holmes agarrou no seu molho de chaves. Mal tinha introduzido uma, a gaveta do centro abriu-se.

—O interior d'esta gaveta está todo remexido, disse o grande policia. Não me enganai, quando julguel ouvir um ruido! Aqui esteve algum.

—Mas, meu Deus! como é isso possivel?

Holmes inclinou-se olhando para dentro da gaveta.

—Oh! oh! Monier Patent, numero 31 Tive um presentimento! Este movel tem um segredo. Ha poucos dias sistema, e esses mesmos são carissimos.

Sherlock Holmes despejou a gaveta, e revistou-a por todos os lados.

Viu a traz da parede um buraco quadrado e pequeno.

Media, com o auxilio de um lenço o comprimento da gaveta, de alto a baixo e a largura da secretaria. Estendeu a mão ao longo da gaveta e apalpou a parede. Eacoutrou, junto do buraco um bôto quadrado, feito de uma materia lisa, parecendo marfim. Carregou com o dedo no bôto, e immediatamente saltou a parte da secretaria que estava coberta com o panno verde. Appareceu então uma caixa de aço. Sherlock Holmes abriu-a rapidamente com a sua garrucha. Continha um manuscrito atado em uma fita, com a seguinte indicacão: «Diario secreto do ministro da policia Kowanow». Ao lado achou outro, onde se lia: «Organisacão da propaganda terrorista, segundo as investigacoes do ministro da policia K.»

Os olhos do notavel policia brilhavam de contenta-

mento. Leu á pressa as ultimas linhas; e não podendo conter-se por mais tempo, disse:

—Minha senhora, creio que o mysterio se vas desvendando.

La mostrou o manuscrito, quando viu qualquer coisa brilhar na varanda. Em um instante, Sherlock Holmes agarrou no revolver e correu para a varanda.

Ouviu-se o estalido de uma pistola de pequeno calibre. Sherlock Holmes disparou o seu revolver simultaneamente. Ouvia um grito abafado junto da varanda.

Deu um salto para esse ponto, gritando para traz: —Guarde o manuscrito!

Na varanda não havia ninguém. Ouvia-se o ruido de um salto, e, na obscuridade da noite podia distinguir-se a contu um vulto deslizando rente com a parede e a correr pela rua. Algumas saliencias da parede e o corno exterior das aguas facilitavam a subida e a descida.

Sherlock Holmes começava a descer rapidamente com grande susto das senhoras, e depressa desapareceu nas trevas. Corria velozmente, porque tinha visto um vulto que desliziava apressadamente ao longo da rua, nosido com os outros predios.

Sherlock Holmes procurou cortar-lhe o caminho. O perseguido dobrou a esquina e, quando Holmes ia alcançá-lo, ouvia o arfar de um automovel.

Um furtivo subir á pressa e o carro partir. Tentou apañá-lo, mas o vehiculo augmentava de velocidade.

A luz dos phares poude ver bem o vehiculo. Era um automovel de praça, e conseguu ler qualquer coisa parecida com Thee Company. Mas a distancia augmentava.

CAPITULO X

A conquista de um amigo

Comprehendendo que era impossivel alcançar o automovel Sherlock Holmes saltou para a primeira carruagem que encontrou. A praça ad antda e uma boi gorgeta grangearam-lhe as boas graças do cocheiro e pouco depois parava á porta do palacio da policia.

O commissario Barosow ficou altamente admirado quando o serralheiro, lhe se apresentou por intermedio da esposa do ministro da policia, como sendo o visconde Guy de Tanville, de nacionalidade franceza.

Sherlock Holmes disse-lhe o que desejava, informou-o de que tinha encontrado na secretaria, acrescentando que o ministro da policia quizera ir em tres de julho encontrar a confirmacão das suas suspeitas no Alttrussichen-Club.

—No Altruistischen Club? perguntou espantado o commissario. Não se enganar! Esse Club é só frequentado por membros da alta aristocracia! O presidente é o barão Sanierwitsch, estribador mór do Czar; Mogranow, funcionario superior do ministerio dos estrangeiros, é o secretario, e assim muitos outros.

Sherlock Holmes conservava toda a sua seriedade. —Parece inacreditavel; todavia o ministro da policia duvidava. Preciso ainda conhecer o enigmático trama do dia cinco de junho. Percebo toda a organisação, mas ainda me falta conhecer o comité dirigente e o mysterioso numero 0.

«As suspeitas que tenho são tão horroresas que tremo de confusão ao meu diario particular, e escrever ali os nomes das pessoas de quem suspeito. Mas ainda hoje terei a certeza. Mas é preciso ir para a frente sem hesitações. Vamos ao Club para desmascarar os traidores.

O genial policia proferiu estas palavras em tom energico e decidido.

—E' admiravel, senhor visconde! Posso o verdadeiro talento de um bom agente.

Sherlock Holmes sorria a este cumprimento do commissario. Depois continuou:

—Lembre-se, sr. commissario, que o ministro da policia disse á esposa que se dirigia ao Altruistischen Club; mais ainda, que a sua presença ali, foi confirmada, por si, pelo secretario Mogranow; portanto, segundo o caderno de apontamentos, que nos veio dar a ultima luz, tudo leva a crer que elle queria adquirir a certeza, desmascarar os culpados, e que, finalmente foi victima da vingança da propaganda dentro do Altruistischen Club!

—Creio que tem razão, visconde.

—Agora tratemos dos nossos meios de acção. Os seus subordinados são conhecidos, e ainda que diffargados nada conseguiriam contra os conspiradores. E' até mesmo possível que alguns socios do Club estejam de intelligencia com alguns agentes. Portanto o sr. commissario, em quem só confio, guarde-me-ha as costas, quando eu entrar no antro do leão.

—Como! o sr. visconde quer tentar um golpe tão audacioso?

E o commissario olhou com uma especie de veneração para o supposto serralheiro.

—Alguem tem que lá entrar, proseguiu Holmes. O senhor é muito conhecido, qualquer dos seus agentes, podia ter relações com os conspiradores, e avisados hão a tempo. Ficaria assim a medida por desembarrapar.

«Eu, pelo contrario, não sou conhecido.

—Chegado recentemente de Paris, posso mostrar que ignoro o osso Kowanof e perguntar por elle, suppondo encontrar o club. A minha qualidade do estrangeiro

dá-me uma certa segurança. Observarei tudo escriptamente, e, no momento proprio, arrancarei a massa aos traidores.

«Sei que collocam a sua gente junto do café Austria, não consentindo que ninguém ali entre, sem o alvejarem das janelas com alguns tiros. O senhor entrará resolutamente, de revolver em punho, se eu não voltar. Se durante uma hora não ouvir tiros e eu não apparecer, então corra, porque hei de carregar do seu auxilio.

—Com mil demônios, sr. visconde, é um admiravel descobridor de crimes! Elaboro o plano de um habili general! Compreendo o que deseja. Dentro de meia hora apparecerei cautelosamente com os meus homens junto do café Austria, e collocar os hei de maneira que, no momento decisivo, possamos saltar no centro dos conspiradores.

—Mas, muito cuidado, sr. commissario, que ninguém saia sem ser visto.

—Pode ficar descansado. Não os perderei de vista. Mas espero que voltará são e salvo.

Entretanto o serralheiro procedia a nova caracterisação e metamorphose na sua pessoa, na presença do commissario estupefacto. Descalçou as botas de couro alto substituiu-as por outras de fina pelle, envergou um fato completo de casimira inglesa, tirou a manta vermelha que trazia á roda do pescoço, e pondo um elegante collarinho e plastron de seda creme com um precioso broche, ficou completamente transformado. Da sua caixa de ferramentas onde trazia tudo isto guardado, tirou um chapéu de molas da ultima moda. Approximou-se então do espelho que estava em uma das paredes, levou-se muito bem, e applicou sobre o rosto umas elegantes suizas e bigode louro. Das umas leves tinturas no rosto e collocou sobre a cabeça uma cabellera também louro.

O commissario estava assombrado, parecia-lhe assistir a uma scena magica!

—Visconde Guy de Tanville! disse Holmes sorrindo e inclinando-se diante de Borosow, com o monóculo no olho direito.

—Bravo! podia representar no theatro Michael, disse o commissario. Faria successo! Estou realmente admirado.

«E' admiravel a sua nova caracterisação. Mas se o senhor fosse o verdadeiro visconde, não precisava diffargar-se! Se não é o melhor dos actores, é certamente um dos mais geniais policas amadores.

Sherlock Holmes sorria.

—Foi por isso que me transformei na sua presença. Desculpe-me, sr. commissario, mas, no caso presente, todas as cautellas são poucas. Não o reconhecia ainda bem. E se representei este papel foi no interesse do seu chefe.

—Certamente, certamente! tem toda a razão. Mas onde arranjo o senhor esse accento de pronuncia russa?

«Não surpresas sobre surpresas!

«Diga-me quem é o notavel collega com quem tenho a honra de fallar?

—Sou Sherlock Holmes de Londres, disse então o celebre criminalista.

—O quê? o senhor é o meu illustre collega, o mais celebre policia do mundo? Mas que estúpido eu sou! Nem tal me occorreu!

«Quantas vezes tenho lido as suas proezas, quantas vezes o tenho admirado, desejando conhecê-lo pessoalmente! E apertou-lhe a mão com verdadeiro entusiasmo.

«E tambem sinto muito prazer em travar conhecimento comtigo, meu caro inspector. Sei que posso contar absolutamente com a sua cooperação.

«Se me acontecer algum desastre, não se esqueça dos papéis do ministro da policia, que fornecerei, não só os ultimos subsídios para a descoberta do complot, mas que me vingarei, e assim, o senhor terá prestado um grande serviço á sua patria, além de que, tornará o seu nome celebre!

«Mas é occasião de proceder.

«Poderei apresentar-me assim ao barão de Sanierwitsch, presidente do club?

—Certamente, exclamou Borosow! Será impossivel que o reconheçam. Eu mesmo não o reconheceria se não tivesse assistido ás suas transformações.

—N'esse caso, tanto melhor! E confio plenamente no senhor. Pode arranjar-me uma saída secreta? Não é conveniente que me vejam sair d'aqui! Posso ser espiado.

—Tenho o que deseja, sr. Holmes, disse o commissario, e acompanho-o até uma saída particular do commissariato.

Chegados ahí, despediram-se, e Sherlock Holmes chamou um trem que na occasião passava pela rua e mandou seguir para o café Austria.

Apertando com o monóculo no olho e começou a andar pelo passeio.

Ahi, dirigiu-se-lhe um rapazito magro, envergando uma fisa libré.

O supposto visconde sorria amavelmente e entregou-lhe um embrulho que levava debaixo do braço, mettendo as mãos nas bolsos e apertando um objecto qualquer. Depois entrou no edificio do club.

O rapazito era Harry Taxon. Este era um dos muitos processos que os dois policas usavam para transmittirem e receberem ordens.

Harry, mal viu desaparecer o mestre, caminhou apressado pela rua, e occultou-se junto de um portão. Tirou do bolso um bilhete que o genial policia lhe entregara, escripto á pressa no carro, e que continha

estas palavras: «Quando o Marquez de Tanville chegar, espere-o hei com um automovel junto do café Austria. Cuidado com os tiros e com o automovel cor de chá que para pelas proximidades!»

Então Harry saltou ligeiramente para um electrico a fim de levar o embrulho para o hotel, e foi dar execução ás ordens de seu mestre.

CAPITULO XI

Os homens fataes

Sherlock Holmes mandou entregar o seu cartão com o nome de visconde de Tanville ao presidente do club.

Conduziram-no a um espaçoso gabinete do rez do chão que servia de escriptorio particular do presidente do club.

O celebre policia dirigiu-se a um homem que estava sentado á secretária, e que se levantou para o receber com a maior cortezia.

Com o desembarço proprio de um cavalheiro que frequenta a alta sociedade, disse-lhe:

—Sr. barão, peço-lhe que me desculpe, se o venho incomodar. Mas pouco tempo lhe tomarei. Sou o visconde de Tanville.

—Creia, sr. visconde, que em nada me incomoda. Em que posso ser-lhe agradável?

«Cheguei hoje a S. Petersburgo, respondem o visconde com a maior naturalidade, no rapido de Paris, via Francfort-Berlin-Eydich Kuhnau. Estou hospedado no hotel da Europa, e ali me disseram que o meu amigo Kowanof, que conhecia em Paris ha annos, e que actualmente desempenha o cargo de ministro da policia, facilmente seria encontrado no seu club. Sentiria grande prazer se o pudesse fallar. Não o encontrando aqui, pedia ao sr. barão se me indicava onde seria facil encontrá-lo.

Ao dizer isto o pseudo visconde examinava attentamente o barão.

Pareceu-lhe que o olhar d'este se perturbava. Desviou a vista, dirigindo-a para a mesa.

—Fuma, sr. visconde? accento um havano legitimo, e offereceu a Holmes a charuteira aberta.

Muito obrigado. Sou pouco apreciador de charutos. Prefiro cigarritos, mas para lá ser agradável, vou satisfazer-o.

Quando o accendia parecia-lhe ver uma expressão singular nos olhos do barão, que poderia ser de curiosidade, desprezo e desdém.

O charuto tinha um aroma fino, delicado e agradável.

—É' excellento o seu charuto, sr. barão, mas, se me dá licença, vou accender um cigarro dos meus.

Disfarçadamente deixou-o cair pela manga do casaco e guardou-o no bolso. Invariavelmente a suspeita.

O barão voltou-se naturalmente, não conseguindo occultar a sua admiração.

Sherlock Holmes já tinha accendido o cigarro, e pensou:

—Estes russos ainda estão muito atrasados. E' um true muito usado pelos gatuos dos combolos.

Depois em voz alta:

—Desceja ver Kowanof, sem que elle o suspeitasse. Para ver a differença que tem feito n'estes ultimos annos. O seu club, sr. barão, é o ponto de reunião da alta sociedade? Desculpe a minha ignorancia de estrangeiro, mas acho singular que todos os clubs, aqui, estejam installados no rez-do-chão dos predios. Em Paris, occupam sempre o primeiro andar. Kowanof vem aqui todos os dias? Ainda não casou? Fago todas estas perguntas porque ha muito tempo que não me dá noticias suas.

O barão tirava grandes fumagões do seu charuto. Tinha o tirado da mesma charuteira, mas o fino olfato de Sherlock Holmes conheceu que o aroma era muito differente d'aquelle que lhe tinha sido offerecido.

—Meu caro visconde, faz-me muitas perguntas ao mesmo tempo, respondon o barão succedidamente. Não me é facil satisfazer o seu desejo no que respeita a Kowanof, aqui, em S. Petersburgo. Creio que saiu para fóra da cidade. Um ministro da policia precisa estar em toda a parte, e as suas digressões raras vezes são conhecidas do publico. Se bem me lembro, creio que haverá quatorze dias se ausentou de S. Petersburgo. Maganow, meu secretario, que convive muito com elle, talvez possa dizer alguma coisa.

Approximou-se da secretária e carregou n'um bô tio electrico.

Seria impaciençoso ou qualquer combinação? Holmes ficou muito impaciençoso a este facto.

O barão pegou no susceptor do telephone e começou a fallar.

—Maganow! Está aqui o visconde de Tanville, de Paris, que deseja algumas informações a respeito do nosso amigo Kowanof. Não foi comel? Não? pois eu pensava o contrario. Sabe ha quanto tempo partiu, e se voltará hoje ou dentro de poucos dias? Ah! então o senhor tambem estava de folga? Não me lembrava. Pego-lhe que se informe, e responda-me.

O grande policia ouvira tudo. Achou suspeitas as palavras do barão, e parecia-lhe que encobriam um sentido occulto. Estranhava que tanto elle como o se-

cretario não fizessem serripo no club no dia do desaparecimento de Kowanof!

—Porebeu, sr. visconde? Moganow tambem não estava de serviço. Mas espero que nos dará algumas esclarecimentos. Não quer sentar-se, sr. visconde? Desculpe a minha distracção!

—Esta cadeira é muito commoda, faça favor de se sentar.

E apontava-lhe uma larga poltrona collocada junto da secretária atraz da qual havia uma porta a curta distancia.

—Agradecido, sr. barão, estou muito bem de pé, respondeu Holmes que desconfiou dos elogios feitos á poltrona.

—Nesse momento, sentiu uma forte pancada.

—Estúpido! Sentia-se já que te offerecem uma cadeira! disse uma voz irada.

Mas o afamado policia, com um rapido movimento, furtivo o corpo, sem tocar na cadeira, prompto para a defeza. E, applicando um forte marteo na cara do agressor, estendeu-o no chão.

—Desculpe, sr. barão, mas um francez não se deixa atacar impunemente!

Ruindo de dór e de raiva o malvado ergueu-se.

Era um homem de cabellos escuros, pallido e olhos vivos. Tinha a mão direita ligada.

—Espilho! gritou. Juro que não me escaparei!

Correu para a policia empregando toda a força da sua vigorosa musculatura, como não era de esperar do seu corpo magro e rachitico. Mas os musculos da ago e a agiliçade de Holmes, dominavam-no, devendo tambem á circumstancia de que o outro se não podia servir bem da mão ligada.

Mas um sorriso diabolico lhe appareceu nos labios contrahidos pela coçera, quando viu que o barão se decidia a auxiliá-lo. Agarrou n'um dos braços do policia e torçeo-o. Collocou-se por detraz da cadeira, e Maganow, pois era elle o homem da mão ligada, pela frente, Sherlock Holmes só dispunha de um braço para se defender. Recebeu então um forte empurrão que o fez cair sobre a cadeira, d'onde tentava desvir-se.

Apenas lhe tocou, recuaram os dois, saltando uma gargalhada.

A pressão do corpo de Holmes fizera mover um machimismo. Duas fortes alavanças saíram dos braços da poltrona, e agindo o corpo do policia, que ficou com o braço direito enlaidado pelo machimismo.

—Bella acção, sr. barão, é digno de um cavalleiro! Estou-lhe muito grato! E' uma gentileza genial!

E empregava grandes esforços para se livrar das terriveis alavanças. Mas nada conseguia.

Tentou levar a mão ao bolso para tirar o revolver.

Nesse momento o barão apontava-lhe o seu, que devia ter escondido entre os papéis da secretária.

infeliz policia, occultando assim os mysterios do carcere.

CAPITULO XII

Victima dos Knut

Sherlock Holmes, ficou só no seu carcere. Não perdeu, porém, o seu proverbial sangue frio. Pensou que estaria no subterraneo do edificio do club, da onde tinha sido levado na fatal poltrona. Com um violento impulso endireitou-a.

De repente ouviu uma enorme e incomprehensivel algazarra. Partiria do alguma loja de chis? As trevas eram profundas. Pareceu-lhe distinguir uma debil claridade a distancia, como o reflexo d'uma luz. N'uma abobada subterranea, mas era tão fraca essa luz, que nada podesse distinguir. Arrastou comigo a cadeira. Não muito longe julgou ouvir vozes a segredarem e como que o ranger d'uma escaua de madeira. Se se podesse mexer-se estivesse livre! Tentou então libertar-se das suas prisões, mas não o conseguiu. Tinha o presentimento de que algum facinoroso, aproveitando a escuridão do carcere, tentasse assassinal-o.

A luz avisinou-se e augmentou de intensidade.

O prisioneiro notou que de uma porta se destacava um dirigindo-se para elle tres vultos trazendo um d'elles uma lanterna electrica.

Vinhão mascarados, e envolvidos em amplos habitos de fedo com capuz.

Então teve a explicação de que eram os vingadores em que lhe fallara o barão, presidente do club. Eram evidentemente, membros da terrivel associação secreta.

—Cá está o malvado! Desliguem-no, tirem-lhe os movimentos e peguem n'elle. O cão hade soffrer o seu castigo agora mesmo.

O que proferia estas palavras avançou para o preso, e illuminou-lhe o rosto ridico ironicamente.

—Ah, celebre policia amador, que julgavas apoderar-te de nós, eis-te nosso prisioneiro. Gaiste em nosso poder e nunca mais tornarás a exercer o teu desprezível myster!

Sherlock Holmes lançou-lhe um olhar de profundo desprezo, e disse-lhe com voz forte e clara:

—Continua a praticar accões de um verdadeiro cavalleiro, senhor barão, ha ha pouco lhe disse lá em cima, e o Czar tem no senhor um dedicado servidor.

Os olhos do barão fuzilaram.

—E' desnecessario gastar palavras. O sr. Holmes não terá ocsillo de nos atacar outra vez. Os mortos

não fallam e o New é mudo como um túmulo. O se-
nhor vae ser executado sob os golpes de Knut!

Apontou em seguida o revolver ao desgraçado po-
licia, gritando com voz rouca:

—Caute! ao primeiro movimento que faças para
resistir, caes morto como um cão!

Holmes lançou-lhe um olhar de desprezo.

O mascarado, que era, como Holmes pensara, o
barão Lanierwisch, conservava o revolver sempre vi-
sando o prisioneiro, e os outros aproximaram-se.
Dois agarraram-lhe os braços ao mesmo tempo que o
terceiro tirava do bolso uma chave que introduzia na
perda junto da cadeira, dando-lhe depois volta.

Como em uma magia, saíram-se as alavancas
de sobre o corpo do policia, e as cordas que o sus-
tinham fortemente aos braços da cadeira.

Sherlock Holmes respirou. O seu olhar penetrante
via o que se passava em torno de si. Era o momento
azado para se libertar dos seus inimigos. Mas era im-
possível. N'esse momento o grande policia não possuia
a sua costumada força e agiliidade. A forte pressão
das cordas offenderam-lhe o braço esquerdo tohen-
do-lhe os movimentos, e a circulação do sangue fazia-se
difficilmente. O braço direito que supportera a pres-
são da alavanca, não podia fazer o mais leve movi-
mento. A tudo isto, decessa a circumstancia de es-
tar ainda com os pés amarrados. Era-lhe pois impos-
sível tentar o unico meio de salvagão que antes vira.

Pouco depois levaram-lhe os braços atraz das cos-
tas, e applicaram-lhe as suas proprias algemas. Cortam-
ram-lhe as cordas que lhe ligavam os pés e ergueram-
no da cadeira, que por um machismo occulto subiu
para o ponto d'onde desceia.

Agarrar o espiao e levem-no aos vingadores!

Alguns patifes lançaram-se então sobre o infeliz
prisioneiro. Um d'elles passou-lhe as mãos ao pesco-
ço e impelliu-o para a frente com um violento pontá-
pe. O barão Lanierwisch caminhava adante allumian-
do o caminho com o machismo.

Chegara a um monte de saccos empilhados. Não
podia ler os rotulos, mas pelo aroma, Sherlock Hol-
mes percebeu, que deviam conter chá.

Isto trouxe-lhe á memoria o automovel de Thee
Company.

Percorreram um corredor abobadado e estreito; os
seus inimigos caminhavam á frente, mas sem o largar.
Sherlock Holmes observava tudo e escutava. O seu
ouvido aguçado distinguia o ruído de muitas
vozes; depois uma algazarra medonha de mistura com
gemidos e gritos de dor. Chegaram a um corredor
subterraneo alluminado a electricidade. Ao fundo via-
se um pequeno estalado. Estavam ali quatro homens
mascarados, vestidos de preto, e com capuz, e algu-
mas cadeiras desocupadas. Por detraz d'elles um

painho preto com caveiras pintadas e ossos em cruz.
A' direita e á esquerda alguns bancos livres. Ao cen-
tro dois cavalletes collocados á maneira de cadafalso
e fixos ao solo. Sobre um d'elles distinguia-se um vul-
to. Um mascarado ordenou a um dos miseraveis que
applicasse as correias da Knut, rijas como o ferro,
por um processo especial, nas costas do desgraçado.
O carrasco brandia com tal furia e facilidade o horri-
vel instrumento do supplicio, que bem denotava a pra-
tica do seu desprezível officio. As carnes de desgra-
çado estavam em sangue, e em parte retalhadas. A
cada novo golpe o sangue espirrava salpicando o sub-
terraneo. Mas ninguém mandava suspender o supplicio.
Parecia que os espectadores d'esta horrivel scen-
a gossavam ao ouvirem os gritos e lamentos da desgra-
çada victima.

Estão, o que parecia mandar sobre os outros disse:
—Mostra a esse cão as caricias do Knut, que elle
tantas vezes mandou applicar aos nossos irmãos. Quan-
tas até agora?

—Vinte e tres, senhor!

—Vamos, mais! Até cincoenta pelo menos! Com a
cento e vinte golpes de Knut ser-lhe-hão sufficiente
castigo!

—Adiante, sem desfalecer! Se te sentires cansado
despe-te. Mandaremos para o diabo todos os nossos
inimigos!

O barão voltou-se.

—Fecham bem o portão? Toda a cantella é pome-
la? Com respeito a este velhaco, e apontou para o
grande policia, é melhor atar-lhe os pés e atiral-o para
um canto até que chegue a sua vez.

Depois subiu para o estrado da presidencia.

Um dos associados entregou-lhe um cinto vermil-
ho e um pequeno machado, simbolo da sua honrivel
dignidade. O presidente collocou a arma ao lado e
apertou o cinto por cima do habito negro.

Batem com o machado tres vezes na mesa.

Trez patifes foram fechar todas as portas.

A esse tempo já tinham amarrado os pés de Sher-
lock Holmes atado para um canto. Por felicidade
tambem ali havia alguns saccos cheios de chá e ou-
tros vazios. A violencia da queda foi pois amortecida.

Todos os olhos se voltaram para o presidente. O shominevel
carrasco tinha suspendido o seu habito negro. A um
signal do barão continuou. Os golpes succediam-
se regularmente compassados no corpo do martyr on-
de marcavam profundos golpes. Durante o tempo que
Lanierwisch esteve fallando, a execução não recom-
çou.

—Russos vingadores, sois filhos da nossa patria
escravizada! Escapamos a um grande perigo! O maior
espiao do universo seguiu-nos o rastio, e já por varias

vezas tentou descobrir a nossa associagão para nos
anniquillar.

—Hoje, porém, foi vencido, e é nosso prisioneiro.
Não somos salteadores de bancos, e homens de saccos
de azeite a quem elle facilmente podia vencer. Consti-
tuimos uma associagão poderosa, composta de homens
resolvidos a sacrificar a propria vida para conseguirmos
o nosso fim. Está alem! E' aquelle o nosso mais terri-
vel inimigo, o celebre policia amador Sherlock
Holmes, que podia conduzir-nos á fora. Mas está em
nosso poder, impotente para nos poder prejudicar.
Qual é o castigo a que o condemnamos?

O presidente sentou-se e elibou para os circumstan-
tantes.

Um d'elles levantou-se e batendo uma pancada na
mesa, disse com voz forte:

—Don-te os parabens, chefe dos vingadores, pela
excellent pressa que fizeste! Bem serviste a patria e a
sociedade. Sou de opinio que se lhe applique o
chumbo ou a cordal! Nada de delongas!

Todos os mais foram da mesma opinio.

O notavel policia tinha em embulho toda a sua for-
ça moral. Pensava. Deveria morrer por aquella forma,
as mãos d'aqueles barbaros, e sem deixar vestigios
do seu desaparelhamento? Não haveria então meio al-
gum de salvagão? Era horrivel!

O presidente ergueu-se novamente:

—Meus irmãos, vossos russos vingadores! A vossa
justica exaggerada perde-vos. E' um facto incontestavel!
Não devemos consentir que nenhum calaver nos denuncie
em St. Petersburgo! Já suspeita da óra!
Prova o a apparegão d'este espiao no nosso club! Se
n'esta casa deixarmos algum calaver, é uma terrivel
pista contra nós e breve seremos apunhados. Melhor
é doitar o espiao ao Newa ou ao mar juntamente com
o traidor que acabamos de castigar, e ninguém sabrá
onde se encontram os nossos maiores inimigos.
Mettam nos n'um dos saccos de chá e mandem-nos
para as profundezas do inferno.

—E para nos vingarmos do seu arrojio de se intro-
duzir junto de nós, proponho que lhe sejam applica-
dos cincoenta golpes de Knut.

O presidente do club sentou-se batendo com o ma-
chado na mesa.

Um dos circumstantes ergueu-se dizendo com voz
solenne:

—Acceite a proposta Os Knut!

O presidente fez um signal ao carrasco.

—Basta por agora! O traidor soffrerá depois o
resto do castigo! Desarmem-n'o! Não podemos perder
tempo. Quero que seja substituido por este cão que
ousou atravessar-se no nosso caminho. Varcamos a sua
força de animo, e se posta da justica dos russos con-
tra aquelles que a escarnecem.

Dizendo isto o presidente collocou um revolver so-
bre a mesa.

Alguns bandidos riam fortemente, como selvagens,
e agarraram o policia pelas costas.

Sherlock Holmes foi levado para o sitio onde es-
tava um dos vingadores, junto do outro padecente,
quasi inanimado, a quem lavaram as costas prepa-
rando-o para novo castigo.

Ao lado de Sherlock Holmes estava o carrasco
que se precipitou sobre elle.

—Sempre desejei que me caísse debaixo das mãos
d'estes orgulhosos ingizes! Coube a vez a este
damado espiao, gritou o carrasco por entre garga-
lhas fortes. E preparou-se para exercer na sua
nova victima a sua horrosa profissão.

CAPITULO XIII

Grande panico!

Entretanta, o Marquez de Tynville andava empen-
hado em alugar um automovel nas condições que o
grande policia lhe indicava. Descobriu um em uma
parage proxima de Gostinoff Dwor da Alfindega, em
Neroski Prospekt. Era um Panhard de quatro logares
e com a forma e cor dos melhores automoveis da for-
ça de setenta cavallos, e que arrastava muito bem.

Harry Taxon dirigira-se ao hotel da Europa, a fim
de ali deixar o embulho que o mestre lhe entregara.
No corredor envidraçado a-parava pelo Marquez. Sol-
teu um pequeno grido de alegria. Vira chegar um ma-
gnifico automovel, onde vinha reconstituido o fidalgo nor-
mando.

—Chegou mesmo a proposita, sr. Marquez, disse
visivelmente satisfeito. Estou aqui para lhe transmi-
tir uma ordem de meu mestre.

—Então, Pedro, que novidades ha? Porque não
veio teu mestre, como tinhamos combinado?

—Anda envolvido n'um negocio que julgo muito
perigoso e devo aguardar um tiro de pistola para to-
mar parte no combate. O mestre pede que o vá espe-
rar com o auto no café Austria. Eu tenho que desco-
brir um carro cór de chá.

—Não podemos perder tempo, disse o Marquez
avido de aventuras. A quadrilha não hesitará em pra-
cticar mais um crime! A perda de um minuto pode ser
a perda de uma vida! Corramos immediatamente ao
café Austria.

O magnifico automovel deslizaou nos pneumaticos
quasi imperceptivelmente.

—Que nome havemos de dar ao automovel? Auto-chá? perguntou Tanville com curiosidade.

—Nada do despertar suspeitas, sr. marquez, disse Harry. Isto tem grande importancia, e devemos investigar minuciosamente.

—Será difficil apañar os patifes, disse o chauffeur do marquez. Em todo o caso, deve ser esse o seu nome, pois quer dizer, automovel para transportar chá. Parece-me que já vi esse carro de côr castanha! Se o avistarmos correremos na força de oitenta cavallos, e, se for preciso, galgaremos noventa kilometros á hora. Seria para mim uma vergonha, se não conseguisse isso!

Quando o grande policia concentrava toda a sua força de vontade e coragem para supportar as crueldades dos bandidos russos, ouviram-se subitamente quatro pancadas espessadas na porta do corredor que conduzia ao subterraneo do club. Em seguida á primeira fez-se uma pausa, e assim successivamente até á ultima. Este signal repetiu-se mais duas vezes.

—Alto! gritou o barão, levantando o brago. Que significa isto? E' Ivan! Deixem-no entrar.

Todos os restantes tremiam do medo e balbuciavam sons inarticulados:

—Cobardes! E foi abrir a porta.

Apareceu, então, um homem pallido, vestido como os outros.

O barão fechou novamente a porta.

—A policia! Barosow e os quadrilheiros! disse assustado o espião.

—Salve-se quem puder! Revistarão tudo lá em cima! Mas se descobrirem o subterraneo, estamos perdidos!

—Silencia! exclamou o barão. Isto é obra d'este maldito policia! Mas vou emmascarar-lhe a cabeça. Para que viste de Paris aqui metter o focinho nos nossos negocios, tão maldito? E apontou o revolver á cabeça de Sherlock Holmes.

Mas, subitamente, exclamou:

—Não. Será sepultado no mar Baltico.

—Collocaste o automovel no lugar combinado, Moganow?

—Sim, chefe.

—Nada está perdido, por enquanto. Escutem, irmãos, nada de desanimos, e castella com a informação! Procure cada um o seu posto, e para a frente. Muito animo, até que as coisas mudem. Guardem os fatos n'um sacco. Dobrem o leito. Dois de vós amarem os dois patifes, o espião e o traidor-mór no sacco de chá e carreguem com elles. Depois para o automovel. Adiante!

As ordens do chefe foram cumpridas, e Sherlock Holmes e aquelle a quem os bandidos chamavam traidor-mór depois de mettidos nos saccos

foram levados para cima por dois patifes. Atraz seguiram outros dois com um sacco igual para ser trocado pelo outro, se fôsse preciso.

Passados minutos o subterraneo não parecia mais escondido ao retrado. O subterraneo apenas dava a impressão de um armazem de chá. Só a enorme mancha de sangue no meio, indicava as atrocidades que ali se praticavam.

O corredor que conduzia ao subterraneo do club dava passagem para outro armazem que passava por debaixo de outros predios para outra rua do bairro Ladowaja, junto do café Austria.

Ahi estacionava o automovel ostantão da Companhia do Chá.

Os bandidos transportando os seus fingidos saccos de chá chegaram sem difficuldades ao automovel.

Os russos vestidos de operarios e protegidos pela escuridão puderam semfim respirar.

O barão e Moganow envergavam trajos de viagem. O primeiro den alguma coisa a beber ao chauffeur, e Moganow apesar de ter a mão direita ferida tomou o lugar d'este no automovel.

—Para casa da Santa Donzella, disse o barão. Só me considerarei seguro quando galgar as ruas de S. Petersburgo e chegar ao Baltico.

—Conhe em mim, pashin. Peremos o nosso precioso chá em segurança.

O automovel passou pelo arco electrico do grande Ladowaja.

No mesmo instante desembocou a distancia outro automovel, que parou perto do café Austria. Mas quando o automovel-chá dobrava a rua que conduzia ao Newa, e desaparecia, Harry, que seguia o outro automovel, gritou:

—Lá vou o automovel castanho! Sigam-o.

O marquez ergueu-se contentissimo. Notou com espanto que alguns agentes desciam as escadas do caes. Um homem distincto, de barba castanha, e com ar marcial, adiantou-se.

Ao descobrir o marquez e Harry reconheciam espantado.

—Bravo, sr. Holmes, pregou-me uma bella peça! exclamou.

—Procuro inquieto os conspiradores do club; e o senhor apparece-me n'um bello automovel! Não sei... O marquez de Tanville sorriu, e disse:

—O senhor toma-me por Sherlock Holmes? Eu sou o marquez de Tanville, e venho aqui por causa da demora do nosso amigo. Não o encontrarei no Altrunischen-Club?

—Ella mandou-me vir aqui, disse o inspector. Deus queira que não lhe tenha succedido alguma desgraça. A sua demora inquieta-me, porque elle é de

uma pontualidade militar! Eu sou Borosow, inspector de segurança publica. Estou muito inquieto. Talvez Holmes fôsse victima dos patifes! Tanto o presidente como o secretario do Club desapareceram, o que causou a admiração dos socios.

Estes juram que os dois estavam no Club ha uma hora; tenho graves apprehensões.

—Voltando-se para Harry disse:

—O senhor pode dizer nos alguma coisa a este respeito?

—Senhor commissario, o meu mestre ordenou-me que descrebisse um automovel côr de chá. Passou agora n'estas condições. Talvez o mestre fôsse levado n'esse vehiculo.

—Em poucos minutos o alparemos, disse o chauffeur do marquez, e se levaram o grande policia para o mar? Vamos! não percamos um minuto.

—Para a frente! exclamou vivamente o marquez.

—O motor trabalhava, e o carro arrancou com toda a velocidade, dobrando a esquina, na direcção que levava o outro automovel.

CAPITULO XIV

Auxilio a tempo

Não era nada invejavel a situação de Sherlock Holmes. Tinha as mãos presas atraz das costas, as coxas arqueadas para tornar o volume menor, e a mordida na booca.

Apesar d'esta incómoda posição, conseguia ver tudo alongando a cabeça, como se estivesse em plena liberdade. Conseguia mudar de posição sem se apoiar nos braços nem nas algemas que o maguejavam.

Dispunha de pouco tempo, e era preciso proceder com rapidez.

Estava á beira mar e sentia-se perdido. Após enormes esforços desentrançou as mãos, collocou-se de forma que pudesse tocar no machimão das algemas. Depois de fatigantes esforços conseguiu abri-las. Tinha as mãos livres. Tirou a mordida e respirou. Procurou dar elasticidade aos braços e ás pernas. Apalpou os bolsos. Sentiu grande alegria. Tinha-lhe deixado as armas.

Agarrou cuidadosamente no punhal. Com alguns golpes rompeu o sacco. Inclinou-se depois para o outro sacco em que julgava estar o seu desgarrado companheiro, supellido pelo Kaut. Estava ainda vivo? Levantou com todo o cuidado a serapilheira e rasgou-a. O infeliz respirava a custo. Tirou-lhe a mordida e cortou as cordas que o ligavam. O martyr recu-

perando o uso dos movimentos agarrou o brago do grande policia.

—Pergunto-lhe em segredo: Armas?

—Holmes entregou-lhe o punhal, tirou do bolso um anel com picos e empunhou um revolver.

O russo detido de grande força muscular, depressa se reanimou, e ergueu a cabeça.

—Assim, Lanierwisch, vamos ajustar as nossas contas, disse em voz baixa.

—Mas como? inquiriu Holmes.

—Ponte falsa, conheço a manha! Agora homens á empreza e vamos a elles. O senhor encarrega-se de Moganow e eu do outro.

Os dois chefes da quadrilha conversavam. Accionistas charutos, Moganow investigava tudo atravez dos oculos de automobilista e manobrava tão bem o maquinismo como se não tivesse a mão ferida.

—Devemos descer para o mar. Não é conveniente aqui, tão junto da capital! O diabo podia descobrir tudo.

«Suspeitam de nós e devemos usar da maior cautella. Não faz differença alguns kilometros a mais ou menos, quando se trata de salvar as nossas cabeças. Isto dizia Moganow que recebeu uma pancada tão violenta na cabeça que caiu para traz fulminado.

No mesmo instante Holmes deu um salto e tomou o guaiador.

O barão tremia de medo. Mas depressa recuperou o sangue frio.

—Com os diabos! Parece que estamos se encarnou no corpo d'elle! exclamou fazendo menção de se atirar ao criminalista.

Sentiu então que lhe langavam um laço ao pescoço, e que uns punhos de ferro calam sobre elle.

Quando procurava defender-se, uma lamina brilhou no ar, e um punhal se lhe cravou no coração, d'onde o sangue corria aos borbotões.

—Senhor, tendo piedade de mim! soluçou o patife e caiu com a mão sobre o coração.

—Sim sou eu, miseravel bandido! Sou eu, Sergio Kowanof, ministro da policia que condemnaste a cinco annos de prisão, porque quize annular os teus nefandos crimes!

«O teu ajudante, o infame Moganow, está em meu poder.

Ouviu-se um estertor, Lanierwisch expirava. Uma ultima convulsão, e tudo havia acabado.

O automovel parou. O celebre policia olhou para o seu companheiro, que, pallido como a morte, estava ao lado do cadaver do barão.

Era Kowanof, o ministro da policia sacrificado á sanha dos nihilistas.

Kowanof guardou o punhal e estendeu a mão a Sherlock Holmes.

—O senhor é Sherlock Holmes de Londres? Praticou um acto heroico, e só o senhor conseguia livrar-me d'esta perigosa situação. Não sei como agradecer-lhe.

Sherlock Holmes olhou o commovido e limitou-se a apertar-lhe a mão. Depois alçamos solidamente Morgan e atirou com elle para o assesto trazeiro do automovel.

Dispoz-se a seguir para a repartição da policia, quando se ouviu o rodar de outro automovel que vinha a grande velocidade com os pharos acesos.

—Esperemos, disse. Talvez seja o meu amigo Tanville!

—Alto! alto! Em nome do Czar! gritou uma voz forte. Mito para o ar! Estão presos.

O carro parou rente com o automovel do que tinham perseguido tão inutilmente.

O inspector Barosow ergueu-se empunhando o revolver na mão direita.

Tentou fallar, mas a excitação embriagara-lhe a voz, e os olhos pareciam saírem-lhe das orbitas.

—Senhores! Era uma alucinação do seu espirito! Sentou-se quasi aniquilado. Depois saltou um grito de alegria.

—Hurrah, pelo ministro Kowanoff hurrah, por Sherlock Holmes!

—Obrigado, obrigada Barosow! Aqui estou, senão completamente são, pelo menos gaseando da minha liberdade. Devo a vida ao grande Sherlock Holmes! não fosse elle, estaria a estas horas boiando no mar a mercê da ondada! Sacrificou a sua propria vida para salvar a minha!

—E nós que chegamos tão tarde! tropeço o fidalgo normando. Toda a gloria lhe pertenceu.

—Calada, meus amigos. Temos um cadaver no automovel, disse Kowanoff com seriedade. Barosow, entregue-lhe o cadaver dos chefes dos terroristas, do mysterioso numero O, que ha uns' procuramos em vão. Tive o de matar.—Compreendi!

O commissario fez a continencia militar, aproximou-se e elhou para dentro.

Empallideceu, encarando o chefe dos terroristas. Depois disse:

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—E' este o terrivel numero O? o barão Lenir-wisthof? o estribador mór do Czar!

—Mande enterrar o cadaver a ocellitas. Entrego tambem a sua mais rigorosa vigilancia, o infame Morgan, secretario dirigente. Conto no senhor. Agora preciso ver minha esposa. Mudou-se de carro.

O senhor conduzirá immediatamente o morto e o prisioneiro á direccção da policia de segurança, e nós vamos para casa.

Estas ultimas palavras foram ditas para Holmes Tanville e Harry.

A distancia era curta para se entregarem a troca de impressões.

Pouco depois o carro parou em frente do palacio do ministro que instou com Holmes e os seus amigos para entrarem.

Estes despediram-se recusando e no mesmo automovel se afastaram rapidamente, deixando o ministro da policia muito espantado.

Quando Holmes e o Marquez de Tanville após uma viagem de tres semanas pelos fiordes da Noruega, regressaram a Paris, encontraram uma correspondencia interessante.

—Ambos eram distinguidos com as insignias da ordem de S. Jorge.

Como sempre Sherlock Holmes recusou aquella distincção.

Ao regressar a Londres e ao despedir-se do Marquez este quiz saber o motivo d'aquella recusa.

—Não não somos da mesma estirpe, meu caro amigo, respondeu Holmes.

—O senhor, como descendente da velha aristocracia sente-se honrado com essa distincção. Eu, como filho da democratica Alibi, penso que ninguem, nem mesmo o Czar, tem o direito de apreciar o valor da minha pessoa por titulos honorificos. Nas cruzes e nas estrelas vejo os juizos e europeus dos bôbos das antigas côrtes.

E voltando-se para o discipulo querido:

—Vamos, Harry.

Apartou depois a mão ao seu velho amigo Marquez de Tanville, e os dois policias atravessaram o canal em direcção á patria, onde os esperavam novas fagunhas.

—E voltando-se para o discipulo querido:

—Vamos, Harry.

Apartou depois a mão ao seu velho amigo Marquez de Tanville, e os dois policias atravessaram o canal em direcção á patria, onde os esperavam novas fagunhas.

—E voltando-se para o discipulo querido:

—Vamos, Harry.

Apartou depois a mão ao seu velho amigo Marquez de Tanville, e os dois policias atravessaram o canal em direcção á patria, onde os esperavam novas fagunhas.

—E voltando-se para o discipulo querido:

—Vamos, Harry.

Apartou depois a mão ao seu velho amigo Marquez de Tanville, e os dois policias atravessaram o canal em direcção á patria, onde os esperavam novas fagunhas.

—E voltando-se para o discipulo querido:

—Vamos, Harry.

Apartou depois a mão ao seu velho amigo Marquez de Tanville, e os dois policias atravessaram o canal em direcção á patria, onde os esperavam novas fagunhas.

—E voltando-se para o discipulo querido:

—Vamos, Harry.

Apartou depois a mão ao seu velho amigo Marquez de Tanville, e os dois policias atravessaram o canal em direcção á patria, onde os esperavam novas fagunhas.

—E voltando-se para o discipulo querido:

—Vamos, Harry.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia . amador

Unco rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreicção de Jackson |
| 3 Evasio d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes inauditos | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 Mulheres policias |
| 6 Um attentado terrorista | 23 Um milicio de francos |
| 7 A cronica martyri | 24 As bravatas d'um Yankee |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coracão torturado |
| 9 A laia suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um diabo nas nuvens | 27 A cabeca cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O seculo do co-de |
| 12 Jackson, em poder dos banditos | 29 Troço pela ares |
| 13 O cão politico | 30 A derrida dos banditos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O enterramento dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir um a moço |
| 17 Duas fagunhas notavetis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume — Serie completa, 2.000 rs.

LIPO DE LEITURA

1.º volume de 4.ª classe dos Lyceus

1 volume illustrado 400 rs.

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

com bellas e numerosas gravuras intercaladas

no togo

A Modern-Bibliotheca é constituída por edicões luxuosas e artisticas e inserta as obras primas das melhores escripturas modernas.

Volumes publicados 1

I — Dittos Iste, por Marcel Proust

II — Hippolyte, por Pierre Loty

III — Prima Laura, por Marcel Proust

500 Rs. Preço de cada volume

brochado 500 Rs.

TRATADO PRATICO DE GYMNASICA SUECA

por L. C. Kambien.

Edicão de luxo, profundamente illustrada, formando um elegante vol. in-8º gr.

300 rs.

100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profundamente illustrado, impresso em magnifico papel

O REI DOS MARES

AVENTURAS DO CAPITÃO MORGAN

O mais famoso pirata de todos os tempos

Publicado quinzenal in-8º grande com capa artistica a 3 cires

Não se trata de uma personagem ficticia; Morgan existiu! Viveu e perdurou na tradição como o pirata mais extraordinario de todos os tempos.

O romance, rodeado de todos os encantos que lhe são proprios lancha a vida do aventureiro e da época em que assestou o mundo com suas fagunhas. Morgan foi verdadeiramente o chefe d'essa raça de heróis indomáveis que se tornaram lendas com os nomes successivos de Buzenarins e Filipeiros.

O auctor da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

Os auctores da obra, que vamos dar a publico, compoz todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as mais provações de sua existencia violenta e cheia de perigos, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, para o maior prazer do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre dirigida pela variedade e pelo lre prestado das peripetias.

EVA NINA O Sherlock Holmes de saias

A primeira mulher policia do mundo inteiro

50 rs. ♦ ♦ ♦ ♦ CADA NUMERO ♦ ♦ ♦ ♦ **rs. 50**
CAPA A CORES PELO PROCESSO DA TRICHROMIA

♦ ♦ Parecerá á primeira vista impossivel que uma mulher seja capaz de consagrar-se a uma profissão tão arriscada e cheia de terribes perigos como a de policia; profissão que exige *sangue frio, audacia e resolução* extremas, alliadas á *penetração, á finura* e á mais *assombrosa astucia*. Tal mulher, porem existe, e são as suas aventuras movimentadas, dramaticas, cheias dos mais extraordinarios episodios, que nos propomos contar nos numeros da nova publicação ♦ ♦ ♦ ♦

EVA NINA

e que certamente empolgarão o leitor pelo impre- visto das situações, pelas scenas ora commoven- tes, ora intensamente dramaticas que recehiam cada episodio. ♦ ♦ Como se não bastasse o incomparavel interesse que devem despertar no publico as aventuras de ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

EVA NINA o Sherlock Holmes de saias

♦ ♦ ♦ ♦ ♦ para assegurar o exito da publicação, accresce ainda o facto d'ella ficar

Absolutamente gratuita ao comprador

pois cada numero lhe dará direito, mediante a apresentação do *coupon* d'elle cortado, a adquirir nos nossos escriptorios cinco numeros de qualquer das seguintes publicações de grande exito editadas pela

EMPRESA LUSITANA EDITORA	Novella Popular...	de 60 reis	por 50 reis
	Texas Jack...	de 60	» por 50 »
	Lord Jackson...	de 60	» por 50 »
	Guerra nos Ares	de 60	» por 50 »
	Invasão Amarella	de 60	» por 50 »

Este magnifico

BRINDE AOS COMPRADORES

dar-lhes-ha ensejo de colleccionar as mais interessantes publicações da actualidade, ficando-lhes gratis aquella que hoje annunciamos e que encerra a maravilhosa vida de ♦ ♦ ♦ ♦

EVA NINA a mais extraordinaria mulher de todos os tempos

♦ ♦ Quinzenalmente será publicado um numero das interessantes narrativas, contendo sempre

Um episodio completo

e que será posto á venda em todas as livrarias tabacarias e kiosques e na

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23 — LISBOA